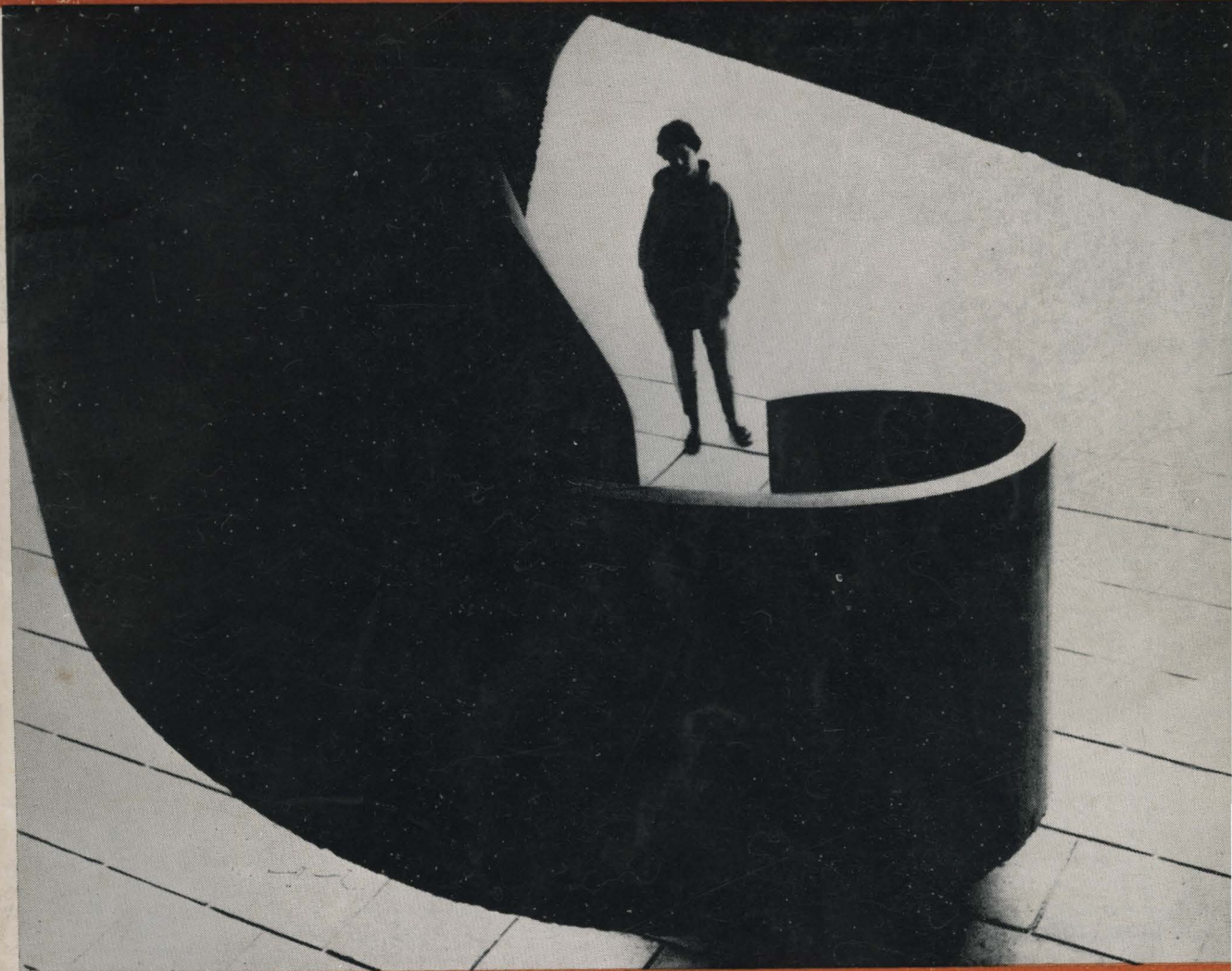


# foto-cine

N.º 173 - jan./fev.-1970

NCr\$ 1,50



O QUE DIZER E COMO DIZER

OS FESTIVAIS EM "BR-PR" E CÔR DO FCCB

ARTE E FOTOGRAFIA (III)

COMO JULGAR UMA FOTO

E MUITOS OUTROS ASSUNTOS ...

**OLYMPUS**

# Conseguimos reunir estas características em uma só câmara...

## CARREGAMENTO INSTANTÂNEO

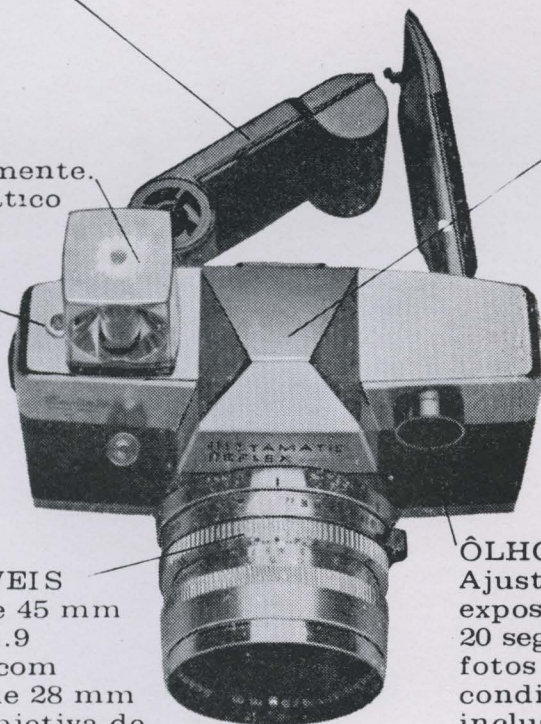
Permite o uso de todos os filmes 126 em cartucho — para slides a cores, negativos a cores, preto e branco.

## FLASHCUBE

gira automaticamente. Controle automático para exposição com flash. Encaixe para flash eletrônico.

## VISOR REFLEX

brilhante, livre de paralaxe. Lente Fresnel - imagem super brilhante. Telêmetro com imagem bi-partida.



## LENTE INTERCAMBIÁVEIS

Lentes básicas de 45 mm f/2.8 e 50 mm f/1.9 intercambiáveis com grande angular de 28 mm e 35 mm e tele-objetiva de 85 mm, 135 mm e 200 mm.

## ÔLHO ELETRÔNICO CdS

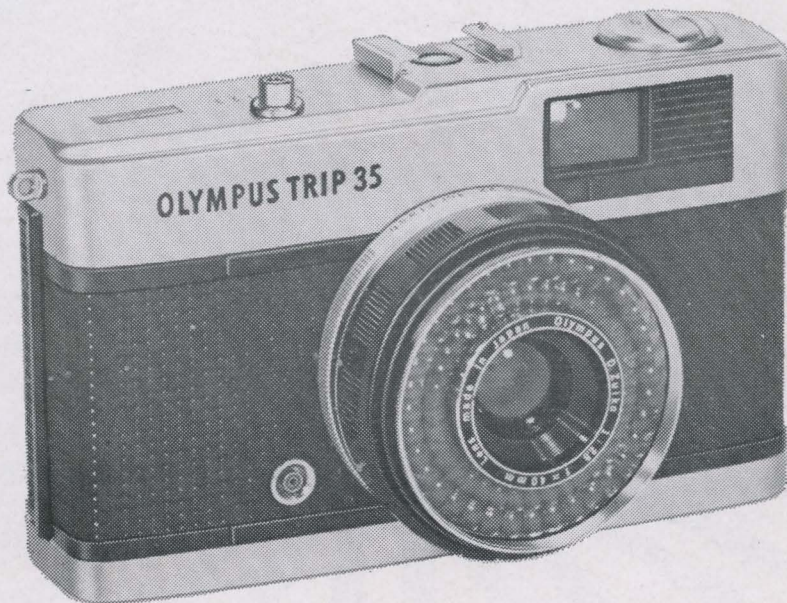
Ajuste automático de exposição - desde 1/500 até 20 segundos - permite fotos sob quaisquer condições de iluminação, inclusive ao luar e à luz de candelabros.

# a Kodak Instamatic Reflex!

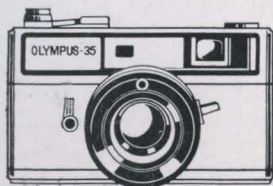
KODAK BRASILEIRA COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.  
S. Paulo - R. de Janeiro - P. Alegre - Recife

# Olympus Trip 35. Novíssima. Para quem pensa sèriamente em fotografia.

A Olympus Trip 35 é uma câmara compacta, inteiramente automática. Foco automático, fotômetro automático, ajustes automáticos etc. Automaticamente, você jamais terá complicações com ela. Em compensação, só terá excelentes resultados. Suas fotos em 35 mm vão melhorar tremendamente. Porque a Olympus Trip 35 foi dotada de uns refinamentos técnicos tremendos. Apesar de tudo, você pagará por ela um preço bem razoável. Isso fará de você um fotógrafo ainda mais sério. E também econômico.



Lince 22-167



Conheça também o Mod. 35 LC

- fotômetro CdS
- com telémetro acoplado

À VENDA NAS MELHORES CASAS ESPECIALIZADAS

Distribuidores exclusivos:

COMERCIAL E IMPORTADORA

**TROPICAL LTDA.**

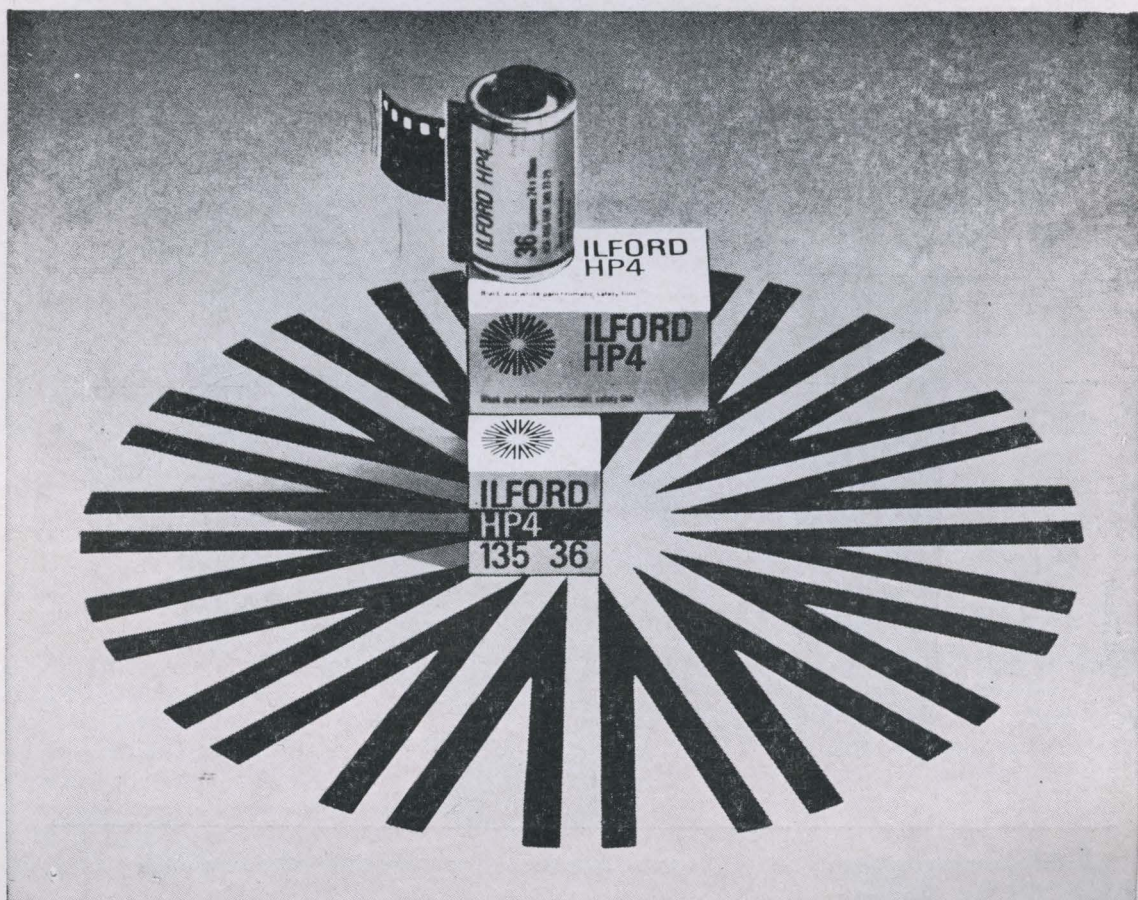
São Paulo — Rio

**GARANTIA**  
ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
PEÇAS DE REPOSIÇÃO

# ILFORD

## HP4

O FILME QUE ALIA UM GRÃO EXTREMAMENTE  
FINO A UMA ABSOLUTA FIDELIDADE  
NA REPRODUÇÃO DAS CÔRES



400/650 ASA - 27/29 DIN

Distribuidores:

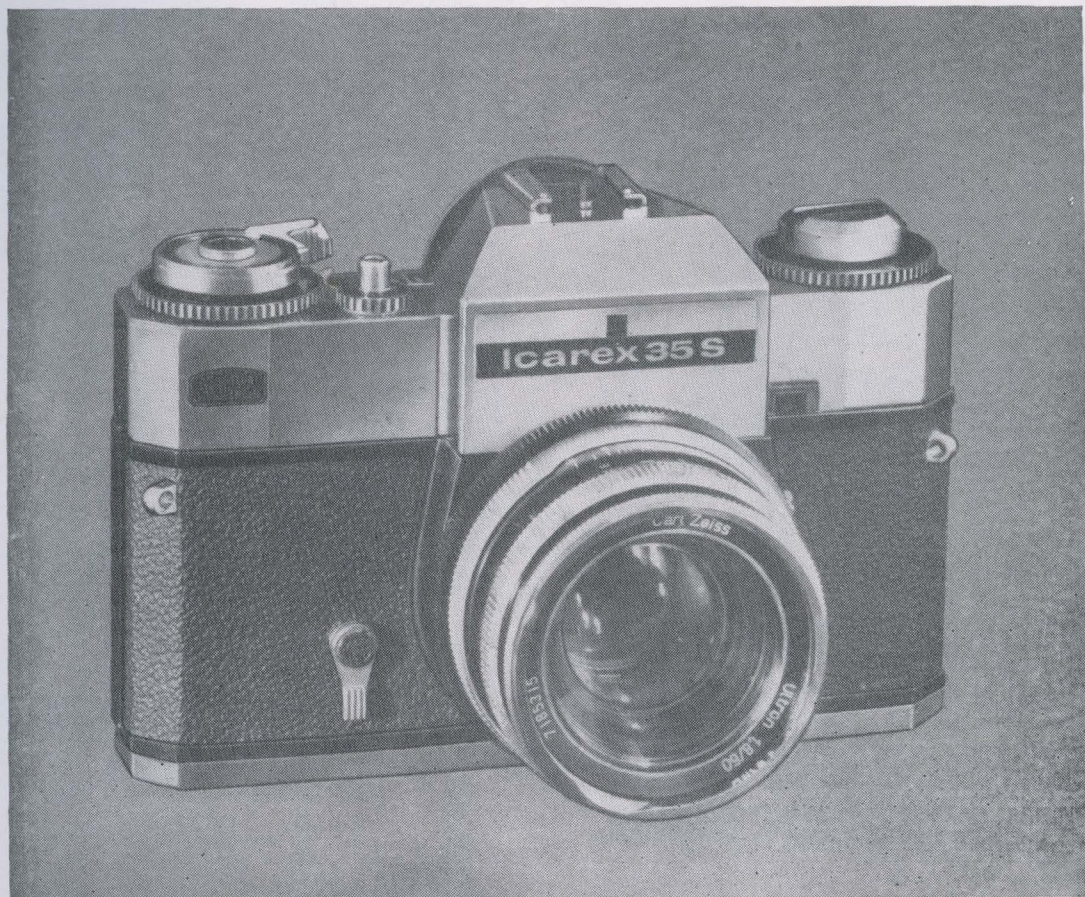
**SANIBRAS**

**SOCIEDADE ANÔNIMA IMPORTADORA BRASILEIRA**

SÃO PAULO  
Rua 24 de Maio, 207 - 6.º - conj. 61  
Tel.: 35-8060

RIO DE JANEIRO  
Rua da Alfândega, 145  
Tel.: 43-2107

A ALTA QUALIDADE ÓTICA de suas objetivas, e sua excepcional construção adaptável para todos os fins, a um preço relativamente baixo, fazem da ICAREX 35 a vantagem de uma compra ideal. Trata-se de uma câmara reflex com objetivas e visores cambiáveis e uma vasta linha de acessórios para macrofotografia, fotomicrografia e reproduções.



## Icarex 35

Obturador de cortina até 1/1000 seg., espelho retrovisor, visores cambiáveis (lupa, prismático e fotômetro CDS), placas cambiáveis para o visor. Sistema de baioneta para objetivas Zeiss de 35 a 135 mm. Tele-objetivas até 400 mm.

**ZEISS IKON**  
**VOIGTLÄNDER**

REPRESENTANTE

**CARL ZEISS - CIA. ÓTICA E MECÂNICA**

NO BRASIL:

Rua Debret, 23 - 14.º andar, grupo 1.408  
Telefones: 52-01-46 — 22-01-34  
RIO DE JANEIRO - GB

Rua Teodoro Sampaio, 417 - 5.º and.  
Telefone: 80-9128  
SÃO PAULO - SP

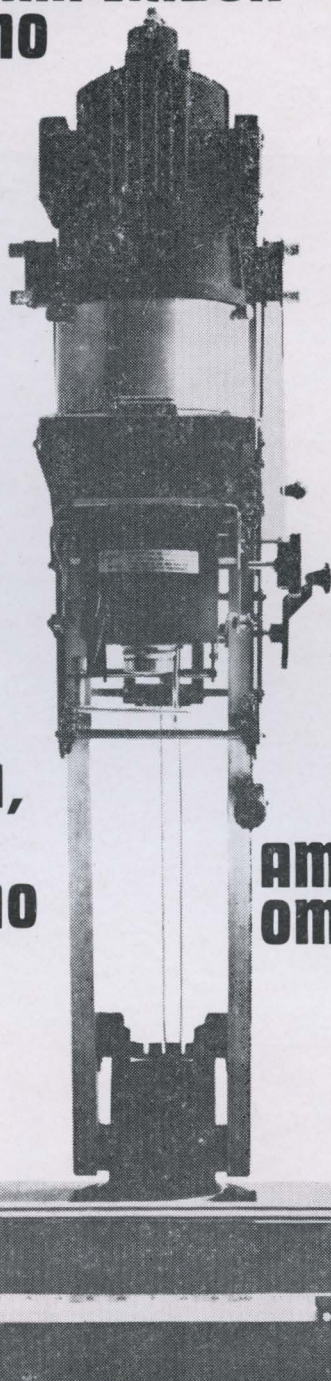
**SEGUNDO A REVISTA "CAMERA"  
ESTA É A LENTE PARA AMPLIADOR  
DE MAIOR DEFINIÇÃO NO  
MERCADO MUNDIAL.**

**LENTE RODENSTOCK**

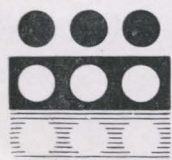


**SEGUNDO A FOTOPTICA,  
ÊSTE É O AMPLIADOR  
DE MAIOR PRECISÃO NO  
MERCADO MUNDIAL.**

**IMAGINE O QUE VAI  
ACONTECER QUANDO  
VOCÊ JUNTAR UM  
AO OUTRO.**



**AMPLIADOR  
OMEGA**



**FOTOPTICA**

Cons. Crispiniano, 49/57 Direita, 85 S. Bento, 294 Brig. Luiz Antônio, 283  
B. de Itapetininga, 200 - Shopping Center Iguatemi - Iguatemi, 1.191 - Loja D-5  
Shopping Center Lapa - Catão, 72 - 1.º - Lojas D9/D10  
Av. Paulista, 2073 - Loja 8 - Center 3

# FOTOCINE 173

REVISTA DE FOTOGRAFIA & CINEMA  
Órgão oficial do  
FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE  
e da  
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA  
DE FOTOGRAFIA E CINEMA

vol. XV

JANEIRO/FEVEREIRO DE 1970

CAPA:

"INDECISÃO"

de E. Salvatore — Hon. E.FIAP - FCCB

**Diretor Responsável**

Dr. Eduardo Salvatore

**Diretor de Redação**

Plínio Silveira Mendes

**Redator**

A. Carvalhaes

**Publicidade**

L. Martins

Fone: 36-0224

## SUMÁRIO

- 7 A NOTA DO MÊS
- 8 O QUE DIZER E COMO DIZER (João Ramalho)
- 11 ANOTAÇÕES À MARGEM DE UM SALÃO  
(Raul Eitelberg)
- 15 ARTE E FOTOGRAFIA - III (J. S. Lewinski)
- 22 O BANDEIRANTE CRESCE
- 25 LIVROS NOVOS (Cinema) — Vasco Granja
- 34 COMO JULGAR UMA FOTO

## SEÇÕES

NOVIDADES DA INDÚSTRIA FOTOGRÁFICA  
BANDEIRANTE EM FOCO  
PÁGINA DA C. B. F. C.  
NOTÍCIAS VÁRIAS

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE e a CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOTOGRAFIA E CINEMA receberão com prazer colaboração para esta revista, sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correm por conta do autor. Toda correspondência deverá ser enviada para a

### REDAÇÃO:

Rua Avanhandava, 316

Fone 256-0101

Caixa Postal 8861

SÃO PAULO — BRASIL

Exemplar avulso ... NCr\$ 1,50

Assinatura (12 núm.) NCr\$ 15,00

Sob registro ..... NCr\$ 20,00

Cadastro Geral de Contribuintes  
N.º 61.639.332/001

Departamento do Imp. de Renda  
N.º 91.091

Comp. e impressa por BRESCIA,  
GRÁFICA E EDITORA LTDA.

Av. Fagundes Filho, 691

Fones: 275-1466 e 275-1490

São Paulo - Brasil

# Nôvo sortimento de filmes *Agfacolor*



para todos os tipos de  
câmara e também para a  
nova câmara ISO-PAK



AGFA-GEVAERT



# A Nota do mês

A década de 70 inicia-se com grandes acontecimentos no mundo fotográfico, quer no âmbito nacional quer no internacional.

Em maio próximo teremos no Brasil, aqui em São Paulo, a VI Assembléia Geral da "CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOTOGRAFIA E CINEMA — CBFC", cuja organização está confiada ao "Liberdade Foto Cine Clube"; e na Itália, Turim, (27 a 30 de maio), o 11.º Congresso Internacional da "FEDERATION INTERNATIONALE DE L'ART PHOTOGRAPHIQUE — FIAP", sob os auspícios do "Centro Culturale FIAT" e patrocínio da "Federação Italiana das Associações Fotográficas".

Em agosto, na Colômbia, Medellin, terá lugar o 4.º Congresso da "CONFEDERAÇÃO AMERICANA DE FOTOGRAFIA — FIAP" que reúne as federações representativas dos países americanos.

Paralelamente a essas importantes reuniões, nas quais, em ambiente de grande amizade se debatem e procuram soluções para os problemas comuns dos aficionados da fotografia e entidades que os congregam — (e sabemos que são múltiplos) — realizar-se-ão as correspondentes BIE-NAIS de Arte Fotográfica, exposições destinadas a mostrar o que de melhor produzem os artistas-fotógrafos de cada país.

Na verdade não esperamos grandes novidades nestas exposições face ao que têm exibido os mais recentes salões. Mas elas sempre atraem os aficionados da fotografia, curiosos de conhecer as eventuais características próprias de cada participante, uma vez que nelas não há outra seleção além daquela previamente procedida por cada clube ou federação ao organizar a sua representação.

O mais importante, para nós, é a oportunidade que dão, tanto elas como as reuniões plenárias desses organismos nacionais e internacionais, para o fortalecimento cada vez maior das relações de amizade, conhecimento pessoal e intercâmbio cultural-artístico entre os dirigentes, entidades e quantos a elas comparecem.

Sob este aspecto, a fotografia cumpre uma das suas mais importantes missões, de elevado teor, trazendo uma contribuição das mais efetivas para o estabelecimento da Paz e Fraternidade Universal.

Muito esperamos dessas próximas reuniões, na certeza de que elas alcançarão o desejado êxito, confirmando a importância cada vez maior que a fotografia assume em todos os setores das atividades humanas.

# O QUE DIZER E COMO DIZER

JOÃO RAMALHO — FCCB

**“O que quiz dizer o autor é tão ou mais importante do que o modo como êle o disse”.**  
(Raul Eitelberg — AFIAP - FCCB).

Do último artigo do destacado “bandeirante” (FOTO-CINE n.º 171) extraímos a afirmação acima. É aqui que discordamos do nosso caro amigo.

Exatamente nisto reside a nosso vêr, a diferença entre o artista e o não artista: **na maneira de dizer as coisas que quer dizer.** Enquanto o último as diz de uma forma banal, inexpressiva, comum a todos, não despertando maiores reações, o “artista” as diz de uma maneira própria, peculiar e pessoal, que se destaca do geral e do comum, traduzindo a sua sensibilidade mais aguda e atingindo com maior intensidade o espectador (no caso das artes visuais) provocando-lhe reações e emoções mais intensas, sejam de ordem puramente estética, sejam sentimentais.

Vejamos o caso do poeta: — êle é poeta pelas coisas que diz ou porque sabe dizer-las de uma maneira especial, diferente e tôda sua?

Assim também acontece nas demais artes, na música, na pintura, na escultura, no teatro, etc. e... na fotografia. Não basta, portanto, ter o que dizer. É preciso também, saber dizê-lo de uma forma diferente da comum, capaz de sensibilizar o espectador.

A prevalecer a afirmativa do nosso querido companheiro, TODOS seriam artistas; isto é, a arte, entendida como tal, não existiria...

Concordamos, porém, com algumas outras afirmações do articulista. p. ex., quando diz que “Ser “op”, “pop” ou clássico nada traduz se a obra produzida fôr mediocre”, e quando afirma que “é exposto, concorrendo em seu clube, em seu país e no exterior para tirar conclusões melhores acêrca do seu trabalho, que se poderá ter o nível de sua obra total”.

Cabe aqui, porém, distinguir uma tomada de posição por parte do concorrente: ou, visando o êxito fácil e a classificação nas estatísticas anuais de aceitação — (alguns fazem dezenas de cópias dos mesmos trabalhos) para poderem concorrer ao maior número possível de salões durante o ano — êle se submete e acomoda às correntes em voga e à tendência dos respectivos juris, abafando seus próprios impetos e o seu “eu” — ou procura uma realização própria, pessoal, através de suas obras exprimindo sua própria personalidade, a sua própria maneira de ver e sentir, o seu estilo.

No primeiro caso, êle não estará contribuindo em nada para a arte a que se dedica. Estará enganando a si próprio. Nivelando e nesse nivelamento sua obra acabará submergindo no oceano das obras iguais, quando não na mediocridade. É o “salonista”...

A fotografia feita por êles - “salonistas”, - jamais progredirá, jamais sairá do lugar comum, porque sua preocupação maior é copiar o que está em voga, o que é sucesso no momento!

No segundo caso, ainda que criticado, recusado pelos juris apegados às fórmulas tradicionais, se realmente tiver valor e convicção em sua obra e tiver espírito de luta, acabará por se impor e destacar sôbre os demais. Sua obra e personalidade permanecerão como exemplos, trazendo uma contribuição real e efetiva de novas idéias, para a evolução da arte e a sua própria evolução.

Talvez êsse reconhecimento chegue tarde demais; talvez o artista, então, já tenha até morrido... Foi o que aconteceu com alguns que romperam os grilhões do “academismo” e das várias “escolas” que se sucederam. O que não lhes tira o mérito. Pelo contrário. Foram os pioneiros, os desbravadores dos novos cami-

---

## "GUARDA IMPERIAL"

Jerzy Reichman — FCCB

(Do Festival Internacional — Br-Pr — FCCB)

---

nhos. Que maior glória do que essa? Rafael teria sido "Rafael" se continuasse seguindo o maneirismo de sua época? Picasso seria "Picasso" se tivesse se manifestado à maneira dos "Rafaelinos"? E assim, Rembrandt, Cézane, Van Gogh, Mondrian, Kandinski, e tantos outros?

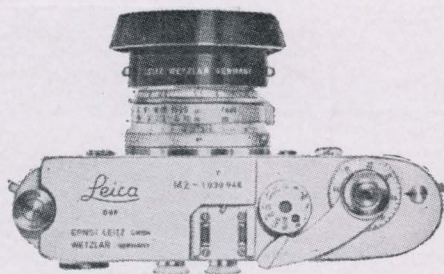
No campo de nossa arte — a fotografia — que seria desta sem os Steichen, Weston, Man Ray, Moholy Nagy, Capa, Steinert, Bresson, L. Fisher, R. Gareis e outros? Porque se destacaram? Porque são hoje nomes consagrados, seguidos e copiados por uma imensa côrte de fotógrafos? Porque se acomodaram aos estilos em voga no seu tempo, dizendo as coisas que queriam dizer (através da fotografia) da mesma maneira que os demais fotógrafos seus contemporâneos, ou porque lutaram pelas suas próprias idéias, abrindo novas perspectivas, novos horizontes para a "arte da luz"? Eles tinham idéias próprias, eles pesquisaram, eles concorreram a salões, tiveram trabalhos recusados, foram criticados... mas não se abateram, nem renunciaram à sua arte pessoal. Lutaram. Em suas sociedades fotográficas, em seu próprio meio e... venceram. Com eles e tantos outros que assim procederam, a fotografia-arte ganhou novas dimensões.

O próprio e glorioso Foto Cine Clube Bandeirante é exemplo desse espírito de luta, de inconformismo com o rotineiro. Quem lhe conhece a história sabe também que a história da fotografia artística no Brasil foi dividida, pelos críticos especializados, em dois períodos: "Antes e Depois do Bandeirante". Não fossem os Yalenti, Farkas, B. J. Duarte, Albuquerque, Yoshida, Souza Lima, G. Barros, Manarini, Ivo, Peterlini, Giró, Cappello, Issa — para só citar alguns nomes que nos ocorrem no momento, — que trouxeram e impuzeram aqui um nôvo estilo, uma nova maneira de ver e tratar os temas — que se tornou conhecida nos meios fotográficos como "Escola Paulista", muitas vezes se antecipando a outros centros considerados "avançados"; — não tivesse o "Salão de S. Paulo" aberto seus painéis a tôdas as correntes mo-



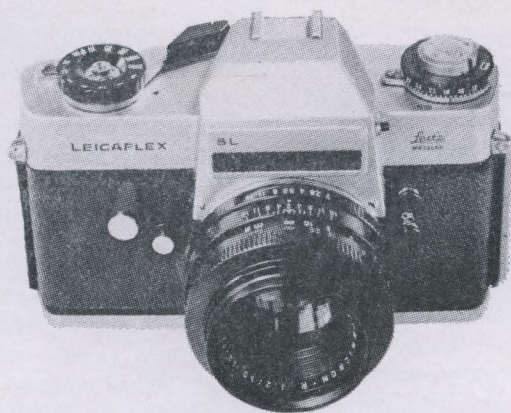
dernas, a fotografia brasileira ainda estaria no já então decrépito "pictorialismo", totalmente discrepante das realidades do mundo moderno. O próprio "tema humano" novamente tão em voga hoje, foi por eles explorado, mostrando a realidade das favelas (e por isso foram até censurados...) despertando a consciência dos observadores para o problema. Quando lançaram suas idéias, suas fotografias "novas" e "diferentes", foram criticados (inclusive nos concursos internos do FCCB), rejeitados em grande número de salões... Mas, não desistiram e hoje, estão em voga na maioria dos salões e dos foto-clubes, muitas das coisas que eles já deixaram de fazer em busca de novos caminhos ou porque já as consideraram ultrapassadas para os nossos dias (o Bandeirante está completando 30 anos). O fato incontestável é que, recusados ou não, os "bandeirantes" deram uma contribuição positiva, real, efetiva, para que a fotografia brasileira se renovasse e se alçasse no confronto com os mais adiantados centros fotográficos do mundo.

Êsse é o espírito que, esperamos, continue prevalecendo no FCCB. Para que o "Bandeirante" continue sendo o que sempre foi: um pioneiro, um desbravador. Para sua maior glória. Para maior elevação da fotografia brasileira. É o que esperamos dos "bandeirantes" de hoje.



# LEICA

V. Sa. pode preferir o sistema de visor telemétrico da LEICA ou o sistema reflex da LEICAFLEX, dependendo das modalidades fotográficas peculiares ao seu caso. Ambas as câmaras vêm da Casa LEITZ e representam o mais alto grau técnica-mente atingível na óptica e mecânica de precisão.



## LEICAFLEX SL

### A CÂMARA REFLEX COM PRECISÃO LEICA

Distribuidores exclusivos:

*Microtécnica*

**INSTRUMENTAL CIENTÍFICO LTDA.**

Av. Rio Branco, 277 - G. 1101 - Tels.: 22-4389, 42-1831  
RIO DE JANEIRO - GB

## ANOTAÇÕES À MARGEM DE UM SALÃO

Raul Eitelberg — AFIAP - FCCB

Diretor dos Festivais do 30.º Aniversário

É sempre de interesse dos aficionados visitar uma exposição de arte fotográfica de âmbito internacional, não somente para ver e criticar, mas especialmente para ver e aprender.

A última realização do FCCB, comemorando o seu trigésimo aniversário, mostrou alguns fatos interessantes, que passaremos a analisar. Os dois Festivais realizados, em branco-prêto e em Côr, demonstraram de um modo geral uma parada, ou melhor dizendo, uma tomada de fôlego da fotografia. No computo final, tivemos algumas fotografias de qualidade superior, mas que foram poucas no conjunto, em relação à quantidade grande de obras modestas e repetitivas. Não sabemos as razões pelas quais há esta dificuldade mundial em estabelecer novas atitudes e diferentes pontos de vista dentro das realizações fotográficas. Seria o medo de enfrentar julgamentos desconhecidos, em países estranhos, fazendo com que sejam tentados os mesmos esquemas que tão bem vinham funcionando? Ou talvez está havendo uma transformação lenta, provocando uma pausa na inovação, antes do impulso próximo? Pudemos sentir um pouco de estagnação nas idéias apresentadas, se não mesmo um desinteresse mais ou menos generalizados dos autores em apresentar obras de maior fôlego, com repetição dos temas e esquemas das fotografias enviadas para outros salões.

Apezar dos convites terem sido bem claros, pedindo a apresentação de obras recentes, com menos de dois anos, ou então de

fotos ainda não publicadas em catálogos e revistas, um grande número de autores enviou trabalhos já muito vistos, perdendo com isto a oportunidade de levantar alguns dos prêmios oferecidos pelos Festivais. Muitos dos fotógrafos artistas que enviaram suas obras, não prestando atenção a êste detalhe, à importância da renovação, apesar de apresentarem valores inegáveis, ficaram com simples aceitações, não levantando, como seria de desejar, alguns dos troféus apresentados, que eram constituídos de pedras preciosas brasileiras genuínas. Dentro destas circunstâncias, a premiação dada pelos julgadores tornou-se justa e fez com que os melhores inéditos levassem as honras.

Somos de opinião de que os artistas não devem visar exclusivamente o prêmio ao concorrerem, mas sim a apresentação em público de suas idéias e realizações. É verdade que os prêmios não constituem uma afirmação da superioridade de um autor sobre outro; que não medem o valor de um artista, de uma idéia, sobre outro artista, outra idéia, mas êles representam, dentro da realidade de um salão o agradecimento dos promotores aos autores que mais se esforçaram em enviar obras de qualidade para a perfeita realização de uma exposição. Os artistas mais premiados, são aqueles que maior interesse demonstram em enviar o que de melhor produzem, sendo justo que alcancem os melhores troféus. Para o autor, os prêmios não devem representar simplesmente uma consagração, mas sim um estímulo real, para continuar se esforçando ao máxi-



mo, é um reconhecimento de que seu esforço não foi em vão, pois no final o que produziu deu um fruto, e provocou uma emoção aos apreciadores da arte fotográfica. É o prêmio um reconhecimento de que a mensagem enviada foi recebida, de que um homem de outra nacionalidade, língua e culturas diversas, sem palavras e explicações, compreendeu o pensamento do artista. Só êste fato faz com que a satisfação íntima dos autores cresça com sua obra.

O Festival em branco-prêto foi realizado com a apresentação de obras escolhidas pelos clubes participantes. Cinco por clube concorrente. A amostragem recebida incluiu países espalhados por todo mundo. Não podemos considerar as escolhas feitas como muito felizes, pois uma grande parte das obras enviadas, como já dissemos, estava em padrão não condizente com o desejo da promoção. Se é justo destacar a participação de alguns clubes, é também necessário criticar a chegada de trabalhos sem condição artística de nível. Ficamos entretanto satisfeitos com grande parte das fotografias enviadas e o público que viu a exposição no "Auditório Itália", pôde apreciar o que se faz hoje internacionalmente no setor de fotografia monocromática.

Se o nível geral não foi alto, esperamos que aos poucos os autores se dêem conta da necessidade de uma revisão dos conceitos a que estão apegados. Outra satisfação dos promotores foi a representação brasileira, que de modo geral manteve o nível condizente com o restante das participações. Em particular verificamos o desejo dos autores

de melhorar e crescer com a arte fotográfica. Os autores internos do FCCB, que não concorreram à premiação geral, norma esta constante dos salões do Bandeirante, também deram sua nota favorável na exposição, com 30 obras, uma para cada ano de vida do clube.

Para satisfações dos cultores da côr, o Festival de Côr mostrou estar em nível mais elevado do que o de branco-prêto. Talvez o modo de realização influíu, pois cada autor teve possibilidade de enviar quatro fotos de sua livre escolha, e assim procurar mostrar uma parte melhor de sua produção. Houve um maior arejamento nas idéias, e mesmo a realização técnica estava em plano um pouco superior. Sente-se um maior entusiasmo dêstes autores, tanto na escolha do assunto, como na transmissão da sua mensagem. A razão é difícil de se determinar, porém os fatos aí estão. Apesar de não têmos obras excepcionais, os juizes tiveram trabalho bem maior para a escolha das aceitações e da premiação, pois havia um nível médio muito bem distribuído dentro dos diferentes assuntos. Já aqui os brasileiros não se apresentaram tão bem como em branco-prêto. A côr ainda necessita maior impulso em nosso país. No exterior, pelos catálogos de participação recebidos, pode-se verificar que de um modo geral os brasileiros aceitos internacionalmente pertencem em sua maioria ao FCCB. Êste fato também se refletiu em nosso salão, onde os participantes internos deram uma nota agradável. Gostaríamos de, em futuro próximo, ver uma melhoria acentuada da produção brasileira na

# PREMIOS INTERNACIONAIS

No elegante "Auditório Itália", em seguida à abertura do "Festival em Br-Pr", exposto no saguão do mesmo, foram entregues, perante numeroso público os premios conferidos em ambos os Festivais — Br-Pr e Côr — promovidos pelo F.C.C. Bandeirante. Na ocasião foi o Clube homenageado pela Academia Santista de Fotografia que, por intermédio do Sr. A. Corona lhe ofereceu um lindo Troféu (pg. 12) e os representantes diplomáticos da Itália, Alemanha, Polónia e França (clichês ao lado) receberam os Troféus ganhos pelos artistas dos respectivos paises.

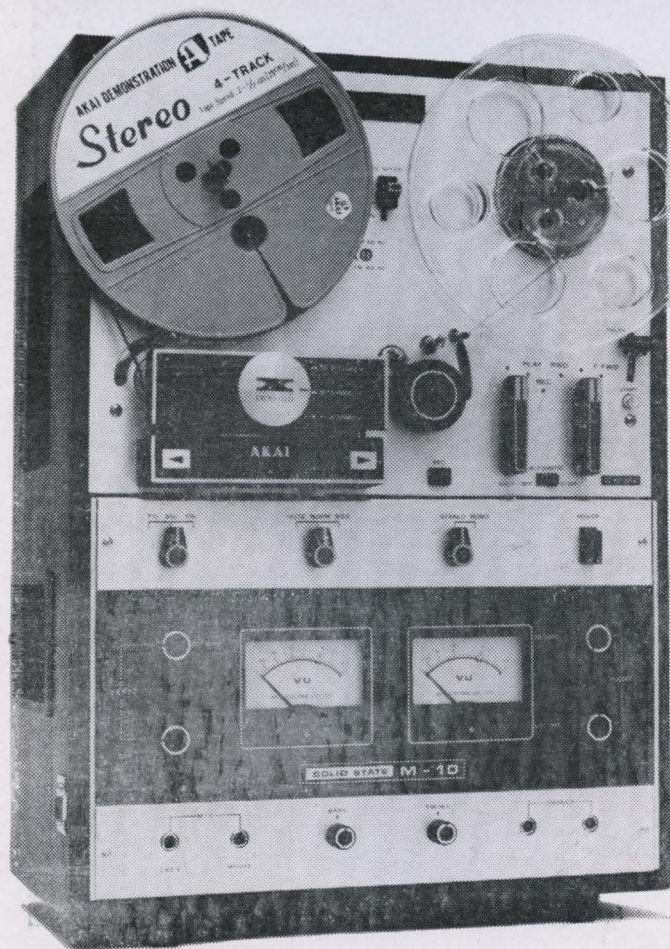
fotografia em côr, e uma participação positiva no exterior.

Qual a orientação a ser seguida pelos salões futuros: deixar que cada clube escolha sua participação, sem intervenção do promotor, ou receber fotos de cada autor? Cremos que sempre na participação coletiva existe a possibilidade de serem artistas bons deixados de lado, por motivos internos, mas a parte positiva é a da maior homogeneidade das obras, dando uma noção exata de qual é a orientação seguida pelo clube participante. Esta orientação pode dar pistas seguras na participação dos concorrentes em salões patrocinados por aquelas entidades. Cremos entretanto que cada autor deve ser livre para apresentar o que quizer, e o que tiver de melhor. Seu esforço não deve estar sujeito a uma revisão por parte de quem envia. É claro que as obras devem ser de valor, e uma orientação inicial é importante e necessária aos principiantes. Para isto a maior prática dos antigos concorrentes é valiosa. As consultas prévias e discussão em grupos são sempre de valor para a separação das melhores obras. Esta orientação entretanto, cessa quando pode haver interferência na produção artística do exibidor. Consultar, sim, determinar, não. Com o tempo, os principiantes passarão a ser antigos, e saberão também separar o joio do trigo.

De modo geral, sente-se o FCCB satisfeito com os resultados alcançados e acredita ainda na melhoria a cada ano que passa. Esperamos sempre em cada salão obras melhores. Se elas não aparecem, resta a esperança de uma maior compreensão no futuro e um aproveitamento aprofundado das possibilidades da arte fotográfica.



Vários fabricantes de gravadores  
fazem rádios, televisores, torradeiras,  
navios, helicópteros, metralhadoras,  
aspiradores de pó.  
Akai faz gravadores.  
Só gravadores.



Akai não quer concorrer com ninguém.  
Só quer fazer o melhor gravador do mundo.  
E conseguiu:

Akai é uma das coisas mais geniais  
já imaginadas em matéria de som.  
Um dos desenhos industriais mais  
talentosos que existem.  
Ao invés de dedicar sua atenção  
a fabricar hidroelétricas,  
aviões a jato, metralhadoras, Akai só  
fabrica gravadores - e em nove tipos.  
1710W, M10, 1800L, X1800SD, X360 -  
estereofônicos completos;  
4000D, X150D, X200D, X360D  
estereofônicos tapedeck.  
Isso não é nada para quem fabrica  
geladeiras, aviões, helicópteros, navios,  
liquidificadores, e no meio de tudo  
isso, também fábrica gravadores.  
Mas Akai aplica toda sua capacidade  
de pesquisa e trabalho na construção de  
gravadores cada vez mais espetaculares.  
Com som mais perfeito e melodioso.  
Só gravadores.  
Por isso Akai fabrica o melhor  
gravador do mundo.  
É nenhuma metralhadora. **AKAI**



À venda nas casas especializadas.  
Distribuidores exclusivos para todo o Brasil

**Tropical Ltda.**

Comercial e Importadora Tropical Ltda.  
São Paulo - Rio - Tokio



# ARTE e FOTOGRAFIA

J. S. LEWINSKI

Este é o terceiro da série de artigos nos quais o conhecido fotógrafo inglês, J. S. Lewinski, estreitamente vinculado com os famosos artistas modernos, escreve sobre os princípios e pensamentos básicos em ambos os meios: pintura e fotografia.

(De FOTOCÂMARA c/ Pop. Phot.)

## O CAMINHO PARA A ABSTRAÇÃO

No artigo anterior procuramos esboçar algumas das razões que determinaram o surgimento da "abstração" e a enorme ênfase da forma e do desenho na arte moderna. Apresentei, também, a principal subdivisão da arte moderna feita por Sir Herbert Read, por êle denominada "teoria da forma subjetiva e abstrata". Como a arte moderna, em seu conjunto, rejeita a representação realista — imitação da realidade — ambas as subdivisões significam, o grau de afastamento da representação literal. Dai que a forma "subjetiva" seja um afastamento completo da realidade enquanto que a "abstrata" é um afastamento apenas parcial.

Isto sôa um tanto ambiguo, principalmente considerando o significado geralmente aceito do vocábulo "abstrato". No vocabulário popular, "abstrato" converteu-se em sinônimo de arte não realista, não figurativa ou objetiva. Isto, porém, não é de todo certo porque, de acôrdo com o dicionário, "abstrair" quer dizer "derivar algumas qualidades gerais, separá-las da matéria". E "subjetivo" é, na realidade, o oposto de "objetivo" — isto é, pertencente ao pensamento, não originado diretamente do mundo real.

Assim, Sir Herbert Read usa êstes termos de maneira literalmente correta: "subjetivo" por não representativo e "abstrato" por realidade.

A questão de terminologia pode levar-nos a uma certa confusão e para não ser ambiguo usarei as expressões "não figurativo" e "abstrato" para o completamente irreal, e "figurativo" para os assuntos que podem ser reconhecidos como realistas.

Devo admitir que até certo ponto evitei a questão da figuração (imagens relacionadas com o mundo e as gentes) e num artigo anterior saltei abruptamente da discussão sobre a apreciação da forma pura diretamente para a

arte abstrata, não figurativa. Fiz isso para evitar confundir o tema, numa etapa tão prematura, mas não estou certo de que realmente daria lugar a confusões, porque o princípio, em cada caso, continua sendo o mesmo, tanto se a imagem é inteiramente abstrata e se baseia na forma não realista pura, como se co. he o seu tema da realidade.

Tomemos como exemplo duas pinturas modernas, uma de Matisse e outra de Le Corbusier, conhecido como um dos mais famosos arquitetos do século. (\*)

O primeiro é, evidentemente representativo e figurativo, enquanto que o segundo é abstrato, exceto pela referência que faz no título a um touro. Não obstante, a intenção do pintor, em ambos os casos, era idêntica. Ambos procuraram criar uma harmonia plástica de formas, linhas e côres dentro do limite do quadro. Le Corbusier construiu um desenho de formas, linhas e manchas de côr que criam um desenho vivaz e sugere alegria e exuberância, conquanto o conjunto produza uma impressão de equilíbrio e ordem. Pode proporcionar um enorme prazer visual ao ô. ho acostumado a quadros sem história.

Le Corbusier pintou uma harmonia de formas abstratas e especialmente linhas abstratas. Poder-se-ia supôr que Matisse fêz algo completamente diferente. Não improvisou, poder-se-ia dizer, mas pintou certa cena, seja diretamente no próprio lugar (o que fazia comumente) ou, quem sabe, recriando de memória uma cena vista anteriormente. Mas, na realidade, criou-a, descreveu-a? Num sentido literal, é certo que não. Tal como Le Corbusier, Matisse criou uma harmonia de formas, mas em lugar de formas abstratas, usou, como **ponto de partida**, uma poltrona, um toucador, algumas flôres e uma mulher. E, de fato, como se pode notar, frequentemente distorceu as for-

(\*) O autor refere-se a dois quadros: "Taurine III" de E. P. Corbusier, e "Leitora distraída" de Henri Matisse — Nota da R.

mas, as distâncias e as côres a fim de adequá-las ao desenho geral do quadro. A representação realista foi de importância secundária para êle. A parede poderia ter sido verde, mas se o azul era um complemento mais adequado êle não vacilava em trocar a fim de que sua imagem fôsse visualmente correta. Em outras palavras: pintava um quadro de forma completamente independente da realidade visual. Unicamente usava a cena real como um motivo inicial e de certa forma improvisava, da mesma maneira como fazia Le Corbusier em seu abstrato puro. Um criava a forma decorativamente e outro distorcia as formas das plantas, do ser humano e da natureza morta com propósitos igualmente decorativos.

Resulta ocioso dizer que esta surpreendente tendência que se nota na arte moderna para a não figuração pura ou para a abstração parcial, não aconteceu repentinamente.

Notamos que tôdas as fases anteriores da arte ocidental se apresentaram na forma de uma evolução; cada fase se originou da precedente, mas sem o aspecto de uma evolução e sim de uma mudança, de uma reviravolta completa, repentina, de todos os valores que o mundo ocidental sustentava.

Examinemos rapidamente o que constituía esta tradição acadêmica, clássica, que a arte moderna rejeitou.

Como grande comentarista de arte, Roger Fry escreveu: **"Do artista se exigia não só que suas imagens apelassem para a emoção por seu ritmo, mas também que estivessem de acôrdo com o aspecto do mundo verdadeiro. Sua textura devia ser contínua e sem interrupções, como a cena visual... Essa continuidade de textura poderia ser obtida de duas maneiras: mediante a cópia exata da cena real ou construindo uma imagem de acôrdo com as leis óticas às quais a nessa visão inevitavelmente se adapta."**

O primeiro método, um tanto primitivo, foi o que usaram-se bem que não muito amplamente — alguns dos pintores flamengos e foi logo substituído por um método mais sofisticado e científico que rapidamente chegou a predominar. Os artistas estudaram anatomia, geologia, as leis da perspectiva a fim de estarem cientificamente capacitados para criar a ilusão da realidade. Lentamente se formou uma teoria científica completa de como obter esta ilusão ótica da realidade. Para mencionar apenas um dos meios empregados, além das bem conhecidas leis da perspectiva, a técnica do "claro-escuro" ou "luz-e-sombra" permitiu aos artistas imitar

artificialmente com o sombreado negro o aspecto tridimensional do mundo visual sôbre uma tela bidimensional plana. Leonardo da Vinci é o epitome de tais artistas científicos e não cabe dúvida de que a aplicação desta teoria traz o tremendo acêrvo do Renascimento.

## AS NORMAS RÍGIDAS LEVAM À DECADÊNCIA

Uma vez que se alcançou a cúspide, a adesão rígida às regras não produz um progresso constante, mas uma decadência. Como afirma o Professor Collingwood (provavelmente o maior filósofo de arte) nêste aspécto a arte é o opôsto do artesanato. Em artesanato se progride mediante o aperfeiçoamento da habilidade, **"mas em arte uma escola, uma vez estabelecida normalmente, se deteriora com o correr do tempo. Obtém a perfeição no seu tipo com uma explosão de energia, mas uma vez e a alcançada, tem a melancólica certeza da decadência"**.

Enquanto houve suficientes temas e tendências idealistas e espirituais assim como idéias estéticas para sustentar a árida ciência, a arte acadêmica continuou subsistindo, mas começou a declinar como força porque se viu sem mais idéias e nem originalidade de pensamento.

Como estou procurando abordar os aspéctos modernos da arte e não a arte em geral, não posso deter-me muito nos movimentos artísticos que precederam o surgimento da fase contemporânea; bastará observar uns quantos exemplos do sec. XIX (ou alguns trabalhos de hoje em dia pertencentes a membros da Academia Real) para ver como se tornou árida e pesada, perdida nas complexidades técnicas do detalhe, e no vazio das histórias já trilhadas.

A bancarrota da pintura realista era evidente, especialmente para os artistas sensíveis como Daumier, Seurat, Monet, Cézane e outros.

Ao mesmo tempo surgiu outro fator que contribuiu consideravelmente para a sensação geral de que, em certa medida, havia que abandonar a representação fiel. Êste nôvo fator foi o crescente interêsse por outras culturas artísticas. Como vimos, até agora a única tradição cultural válida era a grego-romana com os grandes escultores gregos, Fídias, Praxiteles e Miron à testa. Esta tradição, revivida no Renascimento, manteve sua influência ininterrupta até cerca de 1870 quando começou a se mani-

---

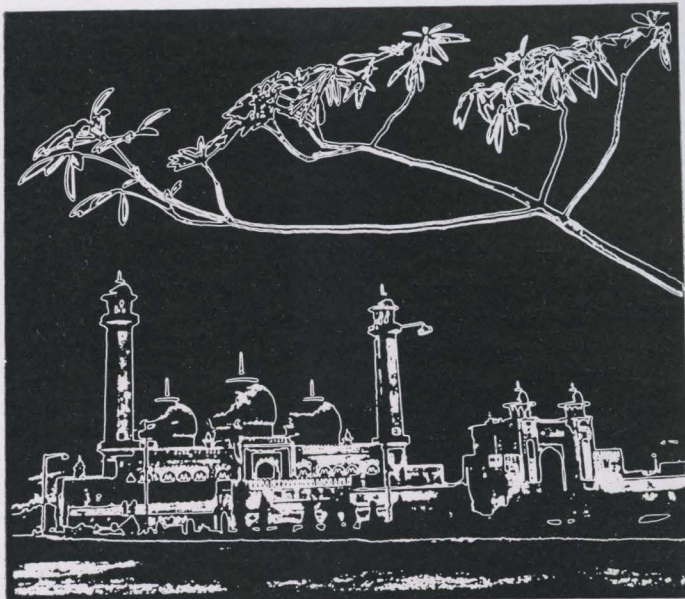
“A MOSQUE AT WAH”

M. Hanif Malik — Paquistão

(Do Festival Internacional Br-Pr.

FCCB)

---



festar um nôvo interêsse pelas artes do Egito, da China, Japão e, mais tarde, por algumas esculturas recém descobertas de primitivas tribos africanas.

Quiçá a primeira que exerceu uma considerável influência foi a estampa japonesa, levada à Europa cada vez com mais frequência. Grandes artistas japoneses, como Hokusai, Hiroshige e Haronubi criavam suas obras-primas no estilo completamente tradicional de áreas de côr planas, evitando tôda sugestão da terceira dimensão e baseando a beleza visual de suas criações em desenhos lineares de surpreendente inventiva, assim como no simbolismo do conteúdo. Lentamente tornou-se evidente que êstes artistas pintavam neste estilo — “restringido”, de acôrdo com o ponto de vista ocidental — não porque não podiam manejar os artificios ocidentais utilizados para criar a ilusão de profundidade e de espaço, mas simplesmente porque não os consideravam importantes nem necessários em sua arte.

O aspêcto destas estampas certamente deu muito que pensar aos artistas ocidentais. Encontravam-se diante de um método que, mediante o brilhante uso da linha e o sofisticado emprêgo do simbolismo, lograva oferecer profundidade, substância e beleza sem recorrer diretamente à imitação da realidade. A influência desta linguagem diferente sôbre os artistas, nas proximidades do sec. XIX, foi muito profunda, como veremos mais tarde ao falar de artistas como Van Gogh e Gauguin.

Assim, a cambiante perspectiva artística foi devida a muitas causas simultâneas, entre as quais se inclui a fotografia. O ponto morto a que havia chegado a pintura acadêmica e o sufocante gosto predominante pela simulação fantástica e sentimental era outro. A curvelinea “Art Nouveau”, demasiadamente decorativa, de Aubrey Beardley e Afonso Mucha na Europa, as obras de gênero açucarado da época vitoriana, o tremendo mau gosto dos pintores da Academia Francesa pelo nú sôbreidealizado e as cenas de batalhas excessivamente encantadas — tudo isto empurrava os verdadeiros artistas para uma maior simplicidade e menor ênfase, em rebelião contra a vulgaridade popular. Começaram a buscar a beleza na simplicidade e mesmo na arte primitiva, não ensinada e nem viciada. Tanto a arte infantil como a dos povos afastados da civilização começaram a ser favorecidas pelos artistas e pelos críticos sérios.

Esta tendência levou também a um renovado interêsse e à compreensão dos pintores renascentistas — considerados até então demasiadamente crus e pouco sofisticados. — Pintores tais como Fra Angélico, Giotto, Masaccio e Piero de la Francesca foram re-descobertos com um grau de apreciação diferente. Tomou-se consciência de que sua monumentalidade, seu sentido da forma e sua profundidade simbólica com frequência superavam a habilidade técnica e o refinamento de alguns pintores do Alto Renascimento.

## O RETORNO AO COMEÇO

Ao desaprumar em sua volta os cânones aceitos em arte, os artistas mais sensíveis, aqueles que não queriam crescer nem adotar uma atitude servil com os gostos da classe média e estavam desiludidos com o que a arte tradicional lhes oferecia, trataram de voltar ao princípio da arte. Ele se encontrava nos rabiscos nos muros, nos fetiches primitivos das tribos africanas e na antiga cerâmica que freqüentemente está cheia de inesperada beleza da forma fundamental e da expressão livre.

Se bem que a maioria dos movimentos da arte moderna se baseava em um conglomerado de diversas causas que conduziram à reconsideração dos valores artísticos da forma, da linha e da cor, o conteúdo das imagens, seus temas e assuntos também chegaram a ser dis-cutidos e transformados.

Assim como recusou a pintura acadêmica realista, também os assuntos tradicionais de histórias bíblicas, os nus voluptuosos e as cenas de felicidade doméstica surgiram subitamente trilhados e pouco dignos de maior elaboração. A busca de motivos novos e mais vitais começou mesmo antes de entrar em cena o idioma da arte moderna. O realismo de Courbet e Manet chocou tanto o público parisiense, que se regosijou em ultrajá-los e ridicularizá-los a tal ponto que estes artistas tiveram que organizar suas próprias exposições, pois os salões oficiais não queriam saber nada deles. Mas era só o começo: Toulouse-Lautrec, Degas e

Daumier antes que eles, provaram de forma concludente que a arte não deve confinar-se à representação de emoções exaltantes e de gente formosa.

Tudo isto criou uma nova atmosfera de liberdade artística. O artista moderno se sentiu completamente livre das travas impostas pelos estilos tradicionais e junto com ruptura da forma também o assunto sofreu uma transformação. Além de usar temas que freqüentemente chocavam o espectador, os novos movimentos em pintura, Surrealismo e Dada, repeliram completamente toda semelhança com o pensamento racional. O mundo dos sonhos que havia alcançado importância através dos tratados de Freud e Adler, substituiu a realidade. Abandonou-se o pensamento sadio e sóbrio e a alucinação do subconsciente invadiu as telas dos artistas. Apesar de o movimento Dadaísta ter morrido rapidamente e o Surrealismo não conseguir dominar as mentes dos artistas durante muito tempo, sua influência geral sobre a arte resultou de enorme alcance.

Mencionei algumas das razões que provocaram as mudanças fundamentais tanto da forma como nos temas das artes, mas até aqui não falei da mais importante de todas. Durante o período que se considerou, a Europa e, na realidade, o mundo inteiro, sofreram uma tremenda comoção em sua vida política e social. A existência diária das pessoas, dos povos — na verdade das nações todas — sofreu profunda modificação. Seria impossível que isto não contribuísse para modificações na arte.

## **APROVEITE ESTA OCASIÃO:**

O Foto Cine Clube Bandeirante abriu inscrições para o seu quadro social, **COM ISENÇÃO DE JÓIA**, especialmente para universitários e para os aficionados da fotografia e do cinema, **até 31 de março de 1970.**



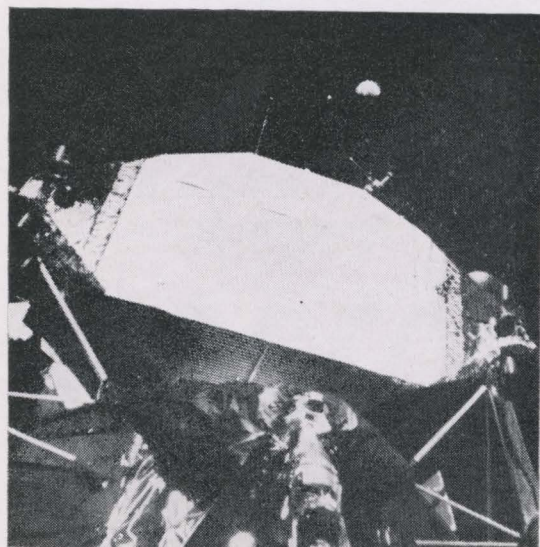
## OS MELHORES:

Francisco Azmann — Hon. E.FIAP - ACF — (autor da “melhor foto brasileira”), João Minharro — AFIAP - FCCB (melhor “Bandeirante” em Br-Pr) e Antonio Belia (melhor “Bandeirante” em Côr) ao receberem os respectivos trofeus receberam também o farto e merecido aplauso do público.

## A TERRA SÔBRE O MÓDULO

A figura luminosa da Terra aparece nesta foto, sôbre o Módulo estacionado na Lua. Esta foi a visão de nosso planeta, que tiveram Armstrong e Aldrin, os dois primeiros homens a pisarem na superfície lunar.

Para os aficionados da fotografia, esta e as demais fotos lunares foram feitas com uma câmara Hasselblad, utilizando filme Kodak Ektachrome EF de 70 mm.



## CÂMARAS E FILMES KODAK AUXILIAM A MISSÃO APOLLO-12

A bordo da Apollo 12, durante a sua recente viagem, encontravam-se diversos filmes e uma câmara stereo para “close”, projetados pela Eastman Kodak Company especialmente para uso dos astronautas.

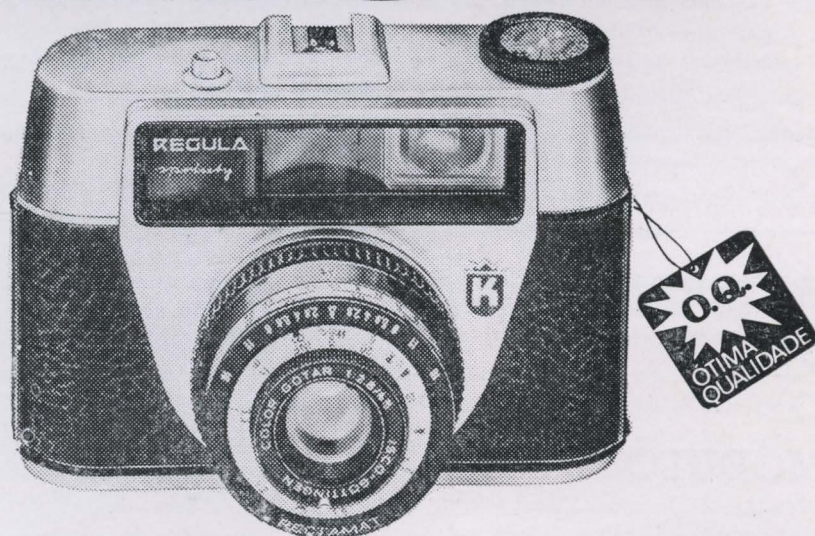
Os materiais fotográficos têm um importante papel no programa da NASA, e, no caso da Apollo 12, uma função de vital importância: fotografar locais de futura exploração. A câmara em stereo para fotos em close da Kodak foi usada com sucesso para tirar as primeiras fotos do solo lunar durante a missão da Apollo 11. No vôo da Apollo 12 foram usados os seguintes filmes:

Kodak Ektachrome EF film SO168 (Estar thin base); Kodak Ektachrome MS film SO368 (Estar thin base); Kodak Double:X aerographic film 2405 (Estar thin base); Kodak Panatomic-X recording film SO164 (Estar thin base); Kodak Panatomic-X aerial film 3400 (Estar thin base); Kodak Plus:X aerial film 3401 (Estar thin base).

Os filmes Kodak acima mencionados foram usados em 10 câmaras levadas tanto no módulo de comando quanto no módulo lunar.

Foram usadas sete câmaras fotográficas de 70 mm, duas câmaras de cinema de 16 mm e a já mencionada câmara stereo para close.

# Oportunidade única para Você ter uma **REGULA**



(e saber porquê ela é chamada de "Volkskamera")

Aceite nosso convite: venha conhecer as câmaras da linha Regula. São fáceis de operar, duráveis e não exigem manutenção. Por isso os alemães apelidaram-na de "Volkskamera". (Câmara do Povo). Preço por preço, prefira também a insuperável técnica germânica!

Distribuidor Exclusivo Para Todo o Brasil

RIO DE JANEIRO

S

**YASHICA  
É A CÂMARA  
FOTOGRAFICA  
MAIS VENDIDA  
NO BRASIL.**

Grupo Oito

*(v. sabe por quê?)*

Primeiro porque é Yashica - um nome respeitável na indústria-fotográfica mundial. Depois, nós já estamos nos acostumando a escolher o melhor (é bom lembrar que temos Galaxies, Esplanadas e Itamaratys rodando em nossas ruas). E Yashica é um produto de alta classe. Mas existem mais razões: a Yashica não pára de se aperfeiçoar. Veja. A Yashica apresentou a primeira câmara fotográfica com fotômetro embutido. Primeira câmara 35 mm a utilizar o sistema de  $\frac{1}{2}$  quadro. Primeira câmara fotográfica a apresentar o sistema de carregamento por "magazine". E finalmente a novíssima Yashica "Electro" 35 (na foto abaixo), a primeira câmara fotográfica com exclusivo obturador eletrônico que elimina de vez todos os cálculos de difragama, velocidade etc. A maioria dos aperfeiçoamentos lançados pela Yashica se incorporaram à própria indústria fotográfica mundial. Do que ela se orgulha muito. V. ainda acha que liderança é questão de sorte? A Yashica acha que é pura questão de competência.



**YASHICA**

**SOSECAL**

Comércio e Importação S.A.

0 PAULO

RECIFE



## O Bandeirante cresce um pouco mais...

As novas cabine e sala de projeção do FCCB

Extraordinário impulso conheceu o cineclubismo em São Paulo com as transformações havidas em outubro de 1969 no Departamento Cinematográfico do Foto-Cine Clube Bandeirante, que instalou e inaugurou uma completa cabine de projeção, dotada dos requisitos básicos para a apresentação de filmes longos, inclusive pelo sistema anamórfico (CinemaScope e outros).

Esse melhoramento veio coroar toda uma extensa programação de filmes durante o ano de 1969, que foi seguida com interesses pela imprensa e o público, conforme atesta o arquivo de recortes e fotografias.

As atividades de 1969 foram iniciadas com a realização do II Estágio para Dirigentes de Cine-Clubes, organizado pelo Centro dos Cine-Clubes, que durante todo o ano prestou magnífica colaboração ao Departamento Cinematográfico do FCCB. Para este estágio vieram cineclubistas de diversas cidades de vários Estados, inclusive do Uruguai.

De janeiro a dezembro de 1969 uma programação das mais variadas foi desenvolvida. Entre os grandes êxitos de público devem ser lembrados os filmes de Rodolfo Valentino e o que mostrava a chegada do homem à Lua.

A imprensa deu grande destaque à realização do Festival Tarzan, em março e à Retrospectiva Orson Welles, iniciada em dezembro. Projetados também diversos filmes franceses inéditos. E, em novembro, a apresentação de "O Anjo Azul", o clássico de Josef von Sternberg com Marlene Dietrich, teve de ser repetida na semana seguinte, devido à grande afluência.

Foi a seguinte a programação do Departamento Cinematográfico do FCCB em 1969:

### J A N E I R O

Abertura do II ESTÁGIO PARA DIRIGENTES DE CINE-CLUBES  
O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO, de D.W. Griffith  
PANORAMA DO CINEMA BRASILEIRO, de Jurandyr Passos Noronha  
METRÓPOLIS, de Fritz Lang  
FAJA LOBBI, de Herman van der Horst  
A ILHA DOS MORTOS, de Mark Robson  
THE LEGEND OF RUDOLPH VALENTINO, de Graeme Ferguson  
O PIRATA NEGRO, de Albert Parker  
SANGUE E AREIA, de Fred Niblo  
O MÉDICO E O MONSTRO, de John S. Robertson  
O ÁGUIA NEGRA, de Clarence Brown

### F E V E R E I R O

NOSFERATU, de F.W. Murnau  
PATRULHA PERDIDA, de John Ford  
THE LAUREL-HARDY MURDER CASE, de James Parrot

### M A R Ç O

TARZAN E AS AMAZONAS, de Kurt Neumann  
TOTÓ TARZAN, de Mário Mattoli  
TARZAN EM NOVAS AVENTURAS, de Edward F. Kull  
A MULHER TARZAN, de Harry Frazer  
TARZAN E A DEUSA VERDE, de Edward F. Kull  
JORNADA À VOLTA DA LUA, do USIS  
TARZAN, O VINGADOR, de Ross Lederman  
VIAGEM À LUA, de Georges Méliès

### A B R I L

Início do VII CURSO BÁSICO DE CINEMA  
SELEÇÃO DE PRIMITIVOS FRANCÊSES  
O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO, de D.W. Griffith  
TRANSPLANTE DE CORAÇÃO HUMANO, de B.J. Duarte e Estanislau Szamkovski  
OS ANOS LOUCOS, de Mirea Alexandresco e Henri Torrente  
O GABINETE DO DR. GALIGARI, de Robert Wiene  
EM COMPANHIA DE MAX LINDER, de Maud Linder

### M A I O

NOSFERATU, de F.W. Murnau  
O GENERAL, de Clyde Bruckman e Buster Keaton  
ZAZIE DANS LE MÉTRO, de Louis Malle  
LES AMOUREUX DU FRANCE, de François Reichenbach  
O CHAPEU DE PALHA DA ITÁLIA, de René Clair  
A QUEDA DA CASA DE USHER, de Jean Epstein



## J U N H O

PICKPOCKET, de Robert Bresson

VIAGEM SUPRÊSA, de Pierre Prevert

PROJETO APOLO E COREOGRAFIA NO ESPAÇO, do USIS

O HOMEM MÔSCA, de San Taylor e Harold Lloyd

## JUL/AG/SET

Reforma das instalações. Construção da cabina de projeção. Nova tela para CinemaScope. Som ótico e magnético. Elevação do piso. Ar condicionado.

## O U T U B R O

Inauguração das novas instalações

## N O V E M B R O

MOSTRA DE CINEMA HOLANDÊS

FESTIVAL DO DESENHO ANIMADO ALEMÃO (I programa)

FESTIVAL ALEMÃO (II programa)

O ANJO AZUL, de Josef von Sternberg

## D E Z E M B R O

RETROSPECTIVA NORMAN McLAREN (I programa)

CIDADÃO KANE, de Orson Welles

RETROSPECTIVA NORMAN McLAREN (II programa)

SOBERBA, de Orson Welles

RETROSPECTIVA NORMAN McLAREN (III programa)

JORNADA DE PAVOR, de Norman Foster

Para 1970, as perspectivas continuam sendo boas. Basta dizer que, animados pela atividade ininterrupta e pontual do FCCB no setor do cinema, mais de cem novos adeptos procuraram a secretaria no mês de janeiro, para efetuar sua inscrição nos quadro social.

Realizada a Retrospectiva Bert Haanstra, dedicada aos vinte anos de cinema dêsse extraordinário realizador holandês, outra mostra já está a caminho da tela: a Retrospectiva Anselmo Duarte, justa homenagem a um dos grandes batalhadores do bom cinema nacional e, também um dos melhores amigos do Bandeirante.

Paralelamente a essas exibições, já se realizou o III Estágio para Dirigentes de Cine Clubes, sempre com a colaboração do Centro dos Cine-Clubes de São Paulo, na pessoa de seu diretor, prof. Carlos Vieira, bem como se inicia o IX Curso Básico de Cinema, orientado pelo diretor do Departamento Cinematográfico do FCCB. jornalista A. Carvalhaes.



## FUNDAÇÃO DE BRONZE, ALUMÍNIO E OUTROS METAIS NÃO FERROSOS

Trabalhos nas Normas

**S A E  
D I N  
A S T M**

Executa-se com perfeição qualquer trabalho pertencente ao ramo.

FUNDAÇÃO CENTRÍFUGA

ESTOQUE DE BUCHAS E TARUGOS

E AREIAS ESPECIAIS.

EM BRONZE COMUM E FOSFOROSO

## DANTE PAPERETTI

Rua Agostinho Gomes, 437-439  
IPIRANGA

Tel.: 63-1679  
SÃO PAULO

Uma das maiores vantagens dos projetores Cabin é justamente esta: o preço. As outras você pode observar aqui.



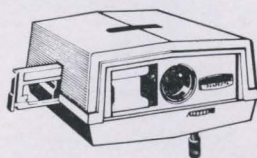
Modelo Too Dee

Os projetores Cabin têm inúmeras razões para serem mundialmente preferidos.

Procure conhecer os modelos:



CABIN AV-2000



CABIN PERFECTA



AUTO-CABIN



RETRO PROJETOR



CABIN 150 M



CABIN ELECTROMATIC

# CABIN

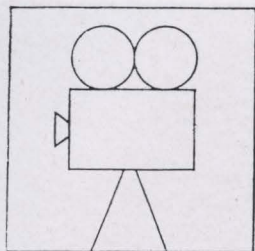
À venda nas melhores casas especializadas

Distribuidores exclusivos:  
COMERCIAL E IMPORTADORA

**TROPICAL LTDA.**

São Paulo - Rio de Janeiro - Tóquio

**GARANTIA**  
ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
PEÇAS DE REPOSIÇÃO



**"VOCABULAIRE  
DU CINÉMA"**

Compilação de S. I. van Nooten. Publicado sob os auspícios do Conselho de Cooperação Cultural do Conselho da Europa. Edição do Service d'Information du Gouvernement des Pays-Bas, Service Cinématographique (43, Noordeind, La Haye, Pays-Bas).

## LIVROS NOVOS

por Vasco Granja

Esta obra é um repositório da terminologia cinematográfica em sete idiomas, francês, inglês, holandês, italiano, alemão, espanhol e dinamarquês. Menciona os termos mais correntemente utilizados na gíria dos estúdios, dando o seu correspondente em cada uma das

línguas escolhidas para o efeito, com a definição exata, na medida do possível.

É um volume bem elaborado, que permite ao leitor, mediante uma classificação fácil, encontrar a correspondência entre as diferentes línguas. Todos os termos foram selecionados com o fim de proporcionar o intercâmbio de informações e de material áudio-visual entre alguns países da Europa.

**"FILM REVIEW  
1968 69"**

Organização de F. Maurice Speed. Edição de W. H. Allen & Company (Essex Street, London W C 2, England).

Um panorama do que foi a produção cinematográfica mundial no ano passado. Contém um capítulo especial sobre a cinematografia britânica dos anos 30. Bryan Forbes fala acerca das suas funções de realizador e há uma evocação dos artistas e realizadores desaparecidos em 1968. O essencial do volume é constituído por vasta documentação



**"AUDITÓRIO ITALIA" — 12-Jan-70**

Numeroso e seletto público e representantes diplomáticos compareceram à abertura dos Festivais Internacionais em Br-Pr e Cór promovidos pelo F. C. C. Bandeirante, encerrando as comemorações do seu 30.º Aniversário.

fotográfica, com texto explicativo, e através da qual se fica com uma idéia da situação do cinema em 1968.

"Film Review 1968-69" contém ainda: "The Film on TV", por Alan Eyles; "To Dub or Not To Dub", por W. A. De Lane Lea; "An Actor Speaks", por Robert Ryan; "The Cinema Looks at God", por John Mounitjoy; "Tribute to Mr. Smith" por Oswell Blakeston; "Movie Language", por Ralph Stephenson; "The Festival Scene", por Peter Cowie, além de uma apreciação crítica e a filmografia das películas mais significativas do ano.

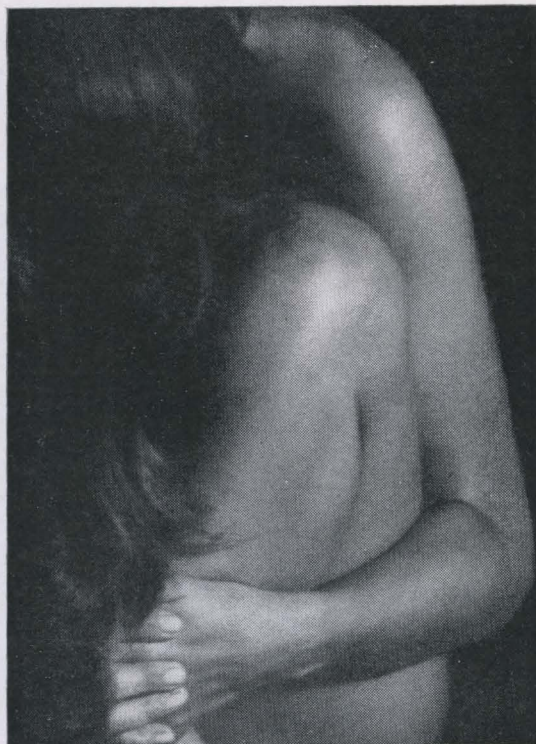
---

"A K T — I"

Francisco J. Nascimento — SFF

(Do Festival Internacional Br.-Pr. — FCCB)

---



COMÉRCIO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE MÁQUINAS FOTográfICAS

MECANOPTICA Ltda.



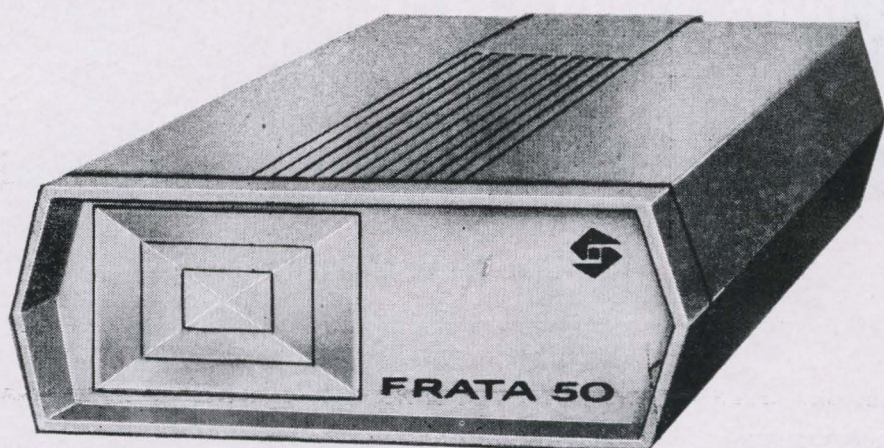
UMA EQUIPE TÉCNICA ESPECIALIZADA EM CONSERTOS

AUTOMATISMO  
CÁMARAS FOTográfICAS  
FOTÔMETROS  
FILMADORES  
PROJETORES  
FLASHS ELETRÔNICOS  
GRAVADORES

MATRIZ — SÃO PAULO: RUA DOS GUSMÕES, 615 - 4.º ANDAR - FONE: 220-8959

FILIAL — SANTOS: RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 10 — SALA 308 — FONE: 2-3096

# Flash eletrônico amador



---



## FRATA 50

---

### CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Funciona com 4 pilhas tipo lapiseira  
1,5 volts e na rede elétrica 110 e 220 v.

Tempo de recarga:

com pilha	6 seg.
na rede elétrica	2 seg.

Disparos por carga de pilhas	+ de 75
---------------------------------	---------

N.º guia para

100 ASA	26
ektachrome 64 ASA	14

Duração do relâmpago

1/1000 seg.

Temperatura da cor

5600° K

Assistência técnica permanente para todo o território nacional. Reposição de peças



PRODUTOS ELETRÔNICOS FRATA LTDA.

Rua Dr. Leonardo Pinto, 68 - Fone 220 1259 - C. P. 4870 - End. Tel. Frataflash - S.P.

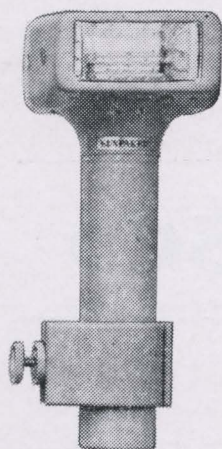
# SUNPAK

a mais completa linha de  
FLASH ELETRÔNICOS



*Novo!*

## SUNPAK 107



(TIPO PROFISSIONAL)

- Fonte de energia: 4 baterias de N.C. recarregáveis ou, corrente de 110-220 v.
- Circuito c/ desligamento automático contra danos nas baterias.
- Potência: 80 watts/seg.



## SUNPAK 7A

- Fonte de energia: 4 baterias N.C. ou corrente alternada 110-220 v.
- Posição p/uso: vertical ou horizontal.
- Potência: 50 watts/seg.



## SUNPAK DC7

- Fonte de energia: 4 pilhas lapizeira
- Pouco maior que um maço de cigarros
- Capacidade de carga: 100 disparos
- Potência: 40 watts/seg.

## SUNPAK 7R

- Um flash revolucionário p/fotografias científicas ou, p/reproduções.
- Anel adaptável em torno da objetiva e, regulável de 48 a 60 mm. de diâmetro.
- Potência: ajustável para três pontos: 1/4 de força, meia ou força total.
- Ângulo de cobertura: 110°



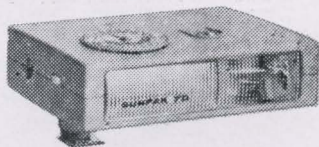
## SUNPAK 7DS



(ESPECIAL)

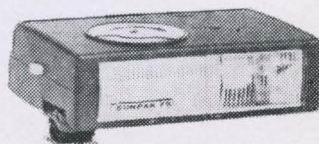
- Fonte de energia: 4 baterias N.C. recarregáveis, ou corrente 110 volts.
- Potência: 50 watts/seg.

## SUNPAK 7D



- Fonte de energia: 4 pilhas lapizeira ou corrente 110-220 volts.
- Potência: 50 watts/seg.
- Ângulo de cobertura: 65°

## SUNPAK 7S



- Fonte de energia: 4 pilhas lapizeira ou corrente 110 volts.
- Capacidade de carga: 70 disparos
- Potência: 40 watts/seg.



À VENDA  
NAS BOAS  
CASAS  
ESPECIALIZADAS

Distribuidores exclusivos:  
COMERCIAL E IMPORTADORA

## TROPICAL LTDA.

São Paulo • Rio de Janeiro



## ZEISS TELE-TESSAR

1:5,6/400 mm

preenche um vazio no  
sistema CONTAREX

Se é que realmente se pode falar de um vazio dentro do jôgo de objetivas tão estreitamente escalonadas como é o da Contarex, então êle foi preenchido ao ser criada a **Tele-Tessar 1:5,6/400mm**. Não se tratava da necessidade de diferenciar ainda mais as distâncias focais e com elas os ângulos de campo disponíveis, cuja sucessão de 250-500-1.000mm. (com os ângulos de campo resultantes de 10-2-2,5 graus) pode ser considerada como completamente suficiente.

Quiz-se, porém, satisfazer o desejo frequentemente expressado por fotógrafos práticos de possuir uma teleobjetiva leve, fãcilmente manuseável, se bem que um pouco menos luminosa.

Ademais, éra consideravelmente importante por motivos de profundidade de foco, que se dispuzesse da possibilidade de diaframar.

A Zeiss-Tele Tessar oferece essa solução, sendo a distância desde o vértice da lente frontal até o plano da película de cêrca 25% mais curta do que a distância focal. Esta construção compãcta que se compõe de 4 lentes existindo uma distância grandẽ entre o elemento anterior convergente e o elemento posterior divergente, não só permitiu inserir um mecanismo de diaframação como também construí-lo como diafragma pre-gradual automático, o qual não é normal em objetivas desta distância focal. Co-

mo se combina esta característica com o dispositivo de enfoque rápido conhecido nas Olimpia-Sonnars de 180 e 250 mm., o resultado foi excelente e com o pequeno pêso da objetiva obteve-se uma teleobjetiva efetivamente predestinada para ser usada na mão. Com o emprêgo de novos tipos de vidro com características especialmente favoráveis para a sua construção e o amplo desenvolvimento mediante calculadores eletrônicos, conseguiu-se uma alta perfeição ótica nesta moderna Tele-Tessar. Graças ao estreito ângulo de 6 graus o campo de observação do visor reflex se apresenta como visto de através de um potente telescópio, sendo a imagem produzida pela Tele-Tessar 5,6/400 no visor da Contarex, 8 vêzes aumentada em relação à produzida pela objetiva normal. Como a Tele-Tessar pode focalizar-se até 4 metros, obtém-se uma escala de reprodução máxima de 1:9.

Somando-se todas as vantagens da Tele-Tessar, ou seja seu pêso reduzido, sua construção relativamente curta e rápido manejo, resulta uma tele-objetiva que traz consigo enormes facilidades para a fotografia aplicada. Além do mais, a reduzida profundidade de foco, que pode ser dosada pela variação do diafragma, oferece novas possibilidades para a fotografia artística.

# "YASHICA ELECTRO-35"

A CÂMARA RECOMENDADA AOS  
PASSAGEIROS DA "JAPAN AIR LINES"

(Transcrito de "Boas Novas")

A Japan-Airlines designou a Yashica Electro 35 como a câmara "mais adequada" para os turistas japoneses que viajam ao exterior. Esta notícia foi anunciada em 3/4 de página do Asahi Shimbun, o jornal diário de maior circulação no Japão.

Esta decisão da linha aérea japonesa foi tomada após diversos meses de severos testes em circunstâncias as mais adversas e levados a efeito por fotógrafos profissionais, por funcionários da JAL, assim como por simples amadores de fotografia que trabalham naquela empresa. Além disto, foi feita uma pesquisa de mercado junto aos principais revendedores japoneses e seus clientes.

Pessoas cujos nomes e endereços foram obtidos junto às lojas de cine-foto onde as câmaras foram compradas, foram inquiridas para averiguar-se se estavam satisfeitas com a Electro-35 e seus resultados. Todas as respostas, de acordo com os chefes de departamento da JAL foram "satisfatórias" e nenhum defeito mecânico foi constatado.

É frequente que passageiros dos roteiros turísticos da Japan Airlines reclamem de que as fotografias tiradas naquelas viagens simplesmente "não saíram" e nunca mais teriam a oportunidade de fotografar aqueles lugares famosos visitados.

Pessoas que falham com sua máquina em passeios dentro do País costumam amaldiçoar a câmara (nunca a si mesmos pelos eventuais erros no ajuste dos complicados mecanismos das câmaras de alta classe, que tão orgulhosamente levam) e sonham em ter nova oportunidade. Isto, no entanto, não acontece com os passageiros dos roteiros internacionais de turismo (JALPAK). É uma experiência única na vida e que raramente é repetida e quando suas fotos "não saem", alcança as raízes do desespero. Não apenas amaldiçoam a máquina, mas sua revolta alcança também a própria companhia aérea.

Embora esta, logicamente, não tenha responsabilidade sobre o tipo de câmara que o passageiro leva e muito menos no resultado das fotografias, foi decidido recomendar a câmara "mais adequada" para os passageiros destes roteiros turísticos.

A escolha da Electro-35 foi baseada em seis pontos principais:

Primeiro, porque se trata de uma câmara segura, que nunca deixa de produzir uma fotografia, desde que corretamente carregada.

O dispositivo eletrônico (chamado "cérebro eletrônico") do obturador, garante exposição perfeita e fo-

tografias bonitas. Há somente duas razões para uma fotografia falhar com esta câmara; ou o fotógrafo não firmou a câmara (fotos tremidas), ou não focalizou direito.

Segundo, ela é fácil de operar. As estatísticas compiladas pela JAL revelam que mais de 50% dos possuidores de máquinas fotográficas nos roteiros turísticos têm pouca ou nenhuma experiência de fotografia e 40% compraram uma câmara especialmente para a viagem.

Durante o roteiro rápido em países estranhos, de língua desconhecida, comida diferente, etc., o turista tende a estar cansado mental e fisicamente, estando sujeito a errar na escolha do diafragma da exposição correta, etc., das máquinas mais complicadas. Na Electro-35 basta focalizar e apertar o botão. O "cérebro eletrônico" faz o resto.

Terceiro, boas fotografias podem ser obtidas em situações as mais adversas. Chuva, neve, calor sufocante, frio intenso, nascer e pôr do sol, noite fechada ou interiores, não fazem diferença. Fotos podem ser obtidas em museus e teatros, onde o uso do flash não é permitido.

Em quarto lugar, a objetiva especial e o "cérebro eletrônico" fazem dela uma câmara inigualada para fotografias em cores.

Diferente da fotografia preto-e-branco, quando o filme tem uma larga latitude, nas fotografias em cores exige-se uma exposição absolutamente correta. Leves modificações na exposição produzem distorções nas cores. O "cérebro eletrônico" calcula a exposição correta em milésimos de segundo, para produzir sempre uma perfeita fotografia em cores.

Como quinto ponto, a Electro-35 é fácil de carregar. Ela é relativamente leve para uma câmara de 35mm de quadro inteiro e dispensa acessórios volumosos. No entanto, existe uma manopla de 16cm que pode, convenientemente ser convertida em um tripé miniatura, para firmar a câmara nas exposições mais longas, se as condições adversas de luz as exigirem.

Em sexto e último lugar, é uma câmara segura, que raramente precisará de reparos, desde que manipulada adequadamente. O mecanismo com o revolucionário "cérebro eletrônico" embutido foi desenhado para não dar "dóres de cabeça". Sem molas e engrenagens, o obturador eletrônico é praticamente anti-choque.

Estas são as qualidades da Electro-35, reconhecida e anunciada pela Japan Airlines e por isso recomendada aos passageiros dos roteiros internacionais, como a câmara "mais adequada" para os viajantes.



# PAPEL FOTOGRÁFICO



## MITSUBISHI

### Para Contato

HIKARI-B  
MIYAKO-S  
MIYAKO-R  
MIYAKO-GR

### Para Ampliação

GEKKO-V  
GEKKO-R  
GEKKO-GV  
GEKKO-SR (Nôvo papel)

### Para Ampliação e Contato

AOI-G  
AOI-D

**REPRESENTANTE EXCLUSIVO**

**CASA TOZAN S. A. - Comércio e Indústria**

---

Telefones: 35-3485 — 33 9887 — 37-2333 — 32-6309

Caixa Postal, 30.179 — End. Teleférico "TOZAN" — SÃO PAULO



PREPARADOS "WERNER"

A GARANTIA

DE BONS SERVIÇOS





# foto-cine clube bandeirante

Declarado de utilidade pública pela Lei Estadual n.º 839 de 14-11-1950

Correspondente no Brasil do Centre International de la Photographie Fixe et Animé (CIP) — Membro da Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema (CBFC) e do Centro dos Cine-Clubes de São Paulo.

O FCCB inicia a década de 70 com boas perspectivas de ativação nos vários departamentos do clube. O Departamento de Cinema toma a dianteira com o incremento de programações de filmes famosos, ciclos de diretores, tendências cinematográficas e filmes experimentais, tendo para tanto inaugurado a nova sala de projeção com ar condicionado perfeito.

O Departamento de fotografia já programou os concursos internos, o 27.º Salão Internacional e cursos de fotografia, além das várias outras atividades próprias do clube.

## NOVOS EXITOS

Continuam o FCCB e seus associados somando expressivos êxitos. No último **Salão Bahiano da Fotografia Contemporânea** — uma promoção da Universidade Federal da Bahia, com a colaboração e organização do Foto Cine Clube da Bahia, uma sala especial foi dedicada ao FCCB que compareceu com 29 trabalhos de 16 autores. Outra sala especial foi dedicada ao nosso consócio **Herros Cappello** com suas extraordinárias fotos em cores.

## CONCURSOS INTERNOS DE FOTOGRAFIA

É o seguinte o temário para o ano de 1970, **Côr e Branco e Preto**.

- Mês de Janeiro, Livre;
- Fevereiro, Livre;
- Março, Um Sentimento e/ou A Rua;
- Abril, Livre;
- Maio, Figura Ambientada - Composição com Figura;
- Junho, Livre;
- Julho, Retrato c/ Luz Artificial - Juventude;
- Agosto, Livre;
- Setembro, 27.º Salão Internacional;
- Outubro, Paisagem - Um Homem e Uma Mulher;
- Novembro, Livre.

## DEP. CINEMATOGRAFICO

### Programação para Fevereiro/70

Dia 1, Domingo, 16,15 horas: Sessão Surpresa (o filme será anunciado na véspera) — 20,15 horas: Segunda exibição do 1.º programa da **Retrospectiva Bert Haanstra** (seguida de debate).

Dias 7 e 8, Sábado e Domingo — **Carnaval** — Não haverá função.

Dia 14, Sábado, 16,15 horas: II programa do **Festival do Moderno Cinema Canadense** (filmes de curta metragem) — 20,15 horas: II programa da **Retrospectiva Beart Haanstra** (colaboração do Centro dos Cine-Clubes de S. Paulo).

Dia 15, Domingo, 17,15 horas: O filme do mês: Victor Arnold e Robert Bannard em **O Incidente de Larry Peerce** — 20,15: Segunda exibição do II programa de **Retrospectiva Bert Haanstra** (seguida de debate).

Dia 21, Sábado, 16,15 horas: **Arséne Lupin Contra Arséne Lupin** de Édouard Molinaro — 20,15 ho-



A "TERRACE IMPERIAL" (Av. Brig. Luiz Antonio, 277) acolheu com requintado bom gosto os "bandeirantes" que ali se reuniram para mais um tradicional e alegre jantar de fim de ano. Foi mais uma reunião que deixou saudades à centena de associados e seus familiares que participaram da festa.

ras: III programa da **Retrospectiva Bert Haanstra** (colaboração do Centro dos Cine-Clubes).

Dia 22, Domingo, 17,15 horas: Sessão Surpresa (o filme será anunciado na véspera) — 20,15 horas: Segunda exibição do II programa de **Retrospectiva Bert Haanstra** (seguida de debate).

Dia 28, Sábado, 16,15 horas: Audrey Hepburn e Albert Finney em **Um Caminho para Dois** de Stanley Donen — 20,15 horas: Ulla Jacobson e Eva Dahlbeck em **Sorrisos de uma Noite de Amor** de Ingmar Bergman.

## NOVOS SÓCIOS

O quadro social foi enriquecido com o ingresso de mais os seguintes aficionados de fotografia e cinema: Rui Sant'Anna, Wladimir Tavares de Lima, Valter Aparecido Rodrigues, Gilberto Nunes, Norina Rienzi Rostino, Luiz Carlos de Alencar Ferreira, Eneas Galvão do Rio Apa, José Araripe Junior, Victor Nosck, Arthur Jardim de Cerqueira, Ecléia Audi, Diva Prestes Marcondes Malebbi, Maria José A. L. Leonardi, Angelo

Lourival Ricchetti, Francisco José de Souza Sacramento, Isaac Augusto da Costa Pina, Leopoldo Antonio de Oliveira Neto, Alberto Gardelli, Thomas Victor Fischér, Jorge Roldan Roldan, Fortunato Bassani Campos, José Jayme de Oliveira, Luiz Mauricio do Amaral, Orlando Goulart Penteado Junior, Thomaz Aterthum, Regina Helena Barbosa Pelucio, Paulo de Tarso Andrade Almanda e Francisco Rosário Conte Filho (inscrições de n.º 2.519 a 2.546).

# APRENDA COMO JULGAR UMA FOTO

**N**EM SEMPRE o amador sabe como julgar uma fotografia. A sua ou a dos outros. E se não sabe julgar a dos outros, como terá autocritica, como fará para progredir? Os pontos a pesquisar numa fotografia são principalmente oito:

- 1 — Técnica;
- 2 — Emoção e atração;
- 3 — Originalidade, composição e tratamento;
- 4 — Unidade;
- 5 — Vitalidade;
- 6 — Infinitude;
- 7 — Tranquilidade;
- 8 — Título.

Mas, vamos por partes:

1 — **Técnica** — Por boas que sejam as demais qualidades — ensina Rupert Swaffield — se a técnica é pobre, a fotografia resultará um fracasso. Para responder se a fotografia é de boa qualidade, há que considerar o seguinte: tem textura e moldagem nas áreas de altas luzes? há detalhes nas sombras? a prova foi bem revelada? foi exposta corretamente? usou papel de gradação conveniente? a côr é boa?

2 — **Emoção e atração** — A fotografia produz algum prazer? Possui a atração estética e o gosto de uma bela obra de arte?

3 — **Originalidade, Composição, Tratamento** — Trata-se de uma fotografia de concepção original? Está de acôrdo com as regras de composição geralmente aceitas? Possui um ponto focal de interesse? O tratamento está de acôrdo com o assunto? A fotografia tem individualidade?

4 — **Unidade** — A fotografia manifesta um tema ou uma idéia? Possui ambiente? Tra-

ta-se de um conjunto homogêneo? Tem harmonia?

5 — **Vitalidade** — A fotografia tem vivacidade, vida, ou se trata apenas de simples representação inanimada de um fato?

6 — **Infinitude** — Possui a fotografia a qualidade de espaço, poder, imensidade, extensão indefinida, atmosfera, perspectiva aérea, definição de planos, linhas que se perdem e se encontram? Deixa algo para a imaginação?

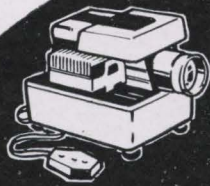
7 — **Tranquilidade** — Trata-se de uma fotografia tranquila? Será adequada para ficar numa sala de estar ou de jantar, indefinidamente?

8 — **Título** — Está de acôrdo com o assunto fotografado?

Pegue uma de suas fotos com pretensões artísticas e trate de responder sinceramente a estas perguntas. Seja o seu próprio crítico, o juiz do seu trabalho.

Agora, a observação não é nossa, mas do já citado Rupert Swaffield:

— Os principiantes são, em geral, muito sensíveis à análise e é fácil desanimá-los com uma opinião adversa. Deve-se estar preparado para receber os golpes. Cada golpe que se recebe — e o que é mais importante, que se supera — é como o degrau de uma escada. Cada êrro que se corrige é um a menos para subir. Quando se o ignora, permanece-se sempre no chão. ●



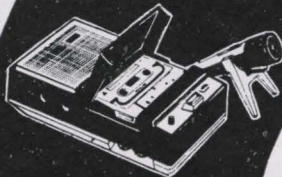
PROJETORES FIXOS



ÓCULOS



ARTIGOS P/ PROFISSIONAIS



GRAVADORES



MICROSCÓPIOS



CÂMARAS FOTOGRAFICAS



PROJETORES CINE



FILMADORES

na  
**CINÓTICA**  
 V. encontra  
**APARELHOS E**  
**ACESSÓRIOS**  
 das melhores  
 procedências

MILHARES DE ACESSÓRIOS EM GERAL  
**Consultem nossos preços - VENDAS A PRAZO**

Centro Cine-Ótico-Fotográfico de S. Paulo

**CINÓTICA**

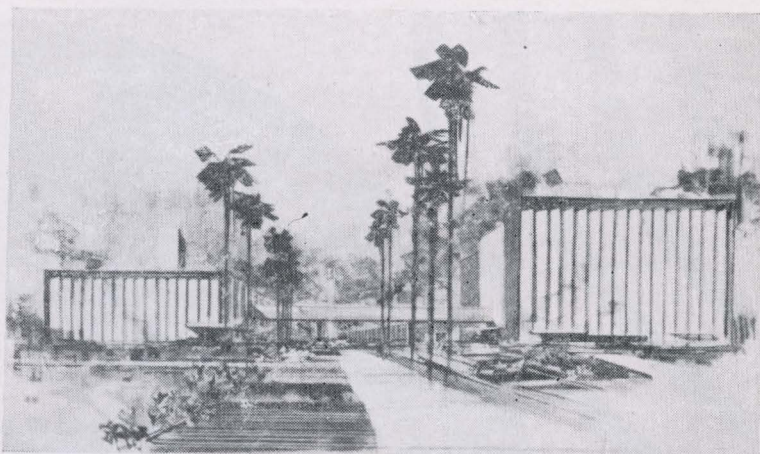
R. Cons. Crispiniano, 76  
 R. Xavier de Toledo, 258

Tels. 239-0192 - 36-6227 - 34-7370 - 34-4516  
 (rede interna) - CX. POSTAL, 5119

Enderêço Telegráfico: "CINÓTICA"  
 São Paulo



## São José dos Campos ganha nova fábrica da Kodak



Em meados de 1971 deverá entrar em funcionamento em São José dos Campos, Estado de São Paulo, a fábrica que está sendo construída pela Kodak, destinada a suprir o mercado interno e a exportar papel fotográfico para todos os países da ALALC. Além dos tipos de papel atualmente fabricados no Brasil pela empresa, a nova unidade produzirá papeis para aerofotogrametria, desenhos técnicos, exploração de petróleo, indústrias de automóveis, aeronaves, etc. — que até o momento são importados pelo Brasil.

Num futuro próximo, a nova fábrica deverá produzir também toda a linha de papeis para cópias em cores, para fotoacabamento e

fotografia profissional. A nova indústria é uma das mais modernas do mundo, no gênero, estando dimensionada para atender à crescente demanda do mercado latino-americano; seu projeto prevê expansão da área construída até o ano 2.000.

### PLANEJAMENTO

Desde 1954, a Kodak vem produzindo papeis fotográficos no Brasil, numa fábrica localizada em Santo Amaro. Entretanto, o consumo desse produto, obrigou a empresa a expandir sua linha de produção. Tendo chegado ao máximo de expansão em sua fábrica de Santo Amaro, optou por uma nova

unidade fabril, localizando-a em São José dos Campos.

A localização da fábrica nessa cidade do Vale do Paraíba deve-se à sua proximidade dos dois maiores centros consumidores de papel fotográfico do Brasil: São Paulo e Rio. Sua proximidade de São Paulo facilita a aquisição de mão de obra e de matérias-primas, bem como o elevado índice de escolas superiores em São José dos Campos facilita o treinamento e especialização do pessoal. Consideraram também os engenheiros da Kodak a abundância de energia elétrica na região, a facilidade de água no subsolo, e, fundamentalmente, o ar limpo que é condição imprescindível para o sucesso da fabricação de material sensível.

# Isnard

Cine-Foto S/A

ESPECIALISTAS

20 ANOS

Servindo  
Qualidade

## Conte Conosco!

TUDO DO MELHOR EM: câmaras fotográficas  
filmadores  
gravadores de som  
ensino audio-visual  
oficina especializada

DIVERSOS PLANOS DE PAGAMENTO

DOIS ENDEREÇOS PARA SUA FACILIDADE

Centro: Rua Barão de Itapetininga, 108  
Sta. Cecília: Alameda Barros, 167  
(Onde seu carro pode estacionar)

— a boa foto se vê com a boa revelação —

## FOTOARQUEOLOGIA AJUDA A DESCOBRIR QUEM DESCOBRIU A AMÉRICA

Um novo processo de pesquisas arqueológicas — a fotoarqueologia — tem dado, nos últimos anos, valiosas contribuições para os pesquisadores que se esforçam na reconstrução da História e na explicação da controvérsia sobre os primeiros povos que chegaram ao continente Americano. É o caso, por exemplo, da descoberta, através de um trabalho de fotografias aéreas, de uma fortificação nórdica situada em Pierre, capital de Dakota do Sul, que veio trazer esperança aos defensores da tese de que os Vikings estiveram no continente Americano antes da descoberta de Colombo.

As ruínas desta fortificação passaram despercebidas durante anos de exaustivas pesquisas. Em 1956, uma equipe do Itek Analisis Center, da qual fazia parte o cientista Carl H. Strandberg, analisando várias fotografias aéreas, concluiu que a região apresentava características mais avançadas do que aquelas associadas com as culturas indígenas e pré-indígenas. Essas pesquisas "arqueológicas", que foram feitas com a utilização de filmes especiais fabricados pela Kodak, foram possíveis, de uma altitude que variou de 1.500 a 50.000 pés.

### DÚPLO BENEFÍCIO

A descoberta de Dakota do Sul trouxe um duplo benefício para a reconstrução da História: se, por um

lado trouxe novas informações e encaminhou os estudiosos para uma análise mais detalhada da possibilidade de existência de comunidades nórdicas na América de antes de 1.500, levou a desenvolverem o processo da fotoarqueologia, que hoje é largamente utilizada pelos pesquisadores.

Arqueólogos de todo o mundo procuram constantemente os técnicos da Kodak, em Rochester, para saber dos avanços da fotoarqueologia, que continua a ser pesquisada cada vez com mais intensidade.

Atualmente, uniu-se à fotografia aérea, a fotogrametria, que utiliza um jogo de fotografias stereo, ao invés de fotos tridimensionais. Com esse processo, os fotoarqueólogos podem medir a altura dos objetos no solo ou no mar, e dado ao cuidadoso controle de altitude, velocidade do ar, separação de fotografias e outros fatores, o método apresenta uma precisão absoluta.

E, a documentação fotoarqueológica que está sendo feita ao redor de todo o mundo, está ajudando a escrever a História que nunca foi escrita, a partir das primeiras construções dos caçadores nomades nas costas francesas do Mediterrâneo, há mais de 300.000 anos.



Exija os  
produtos EDICT  
para melhores

- FOTOGRAFIAS
- RADIOGRAFIAS
- ARTES GRÁFICAS

### REVELADORES - FIXADORES

e demais preparados  
químicos

à venda nas boas casas do ramo

**FOTOQUÍMICA "EDICT" LTDA.**

Rua Homem de Melo, 654 — Fone: 62-0092

EIS AQUI MAIS UM "PRIMEIRO" DA

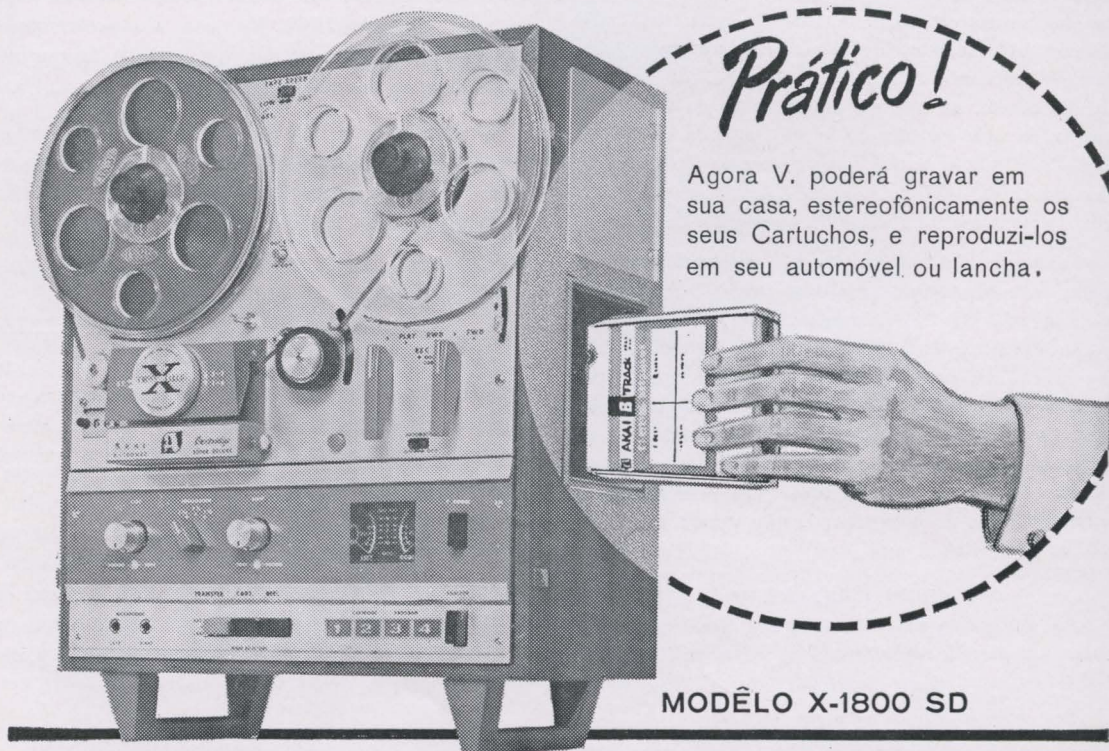
**AKAI**<sup>®</sup>

TRÊS UNIDADES EM UMA!

GRAVAR (e reproduzir) em Carretéis comuns,  
GRAVAR (e reproduzir) em Cartucho, de 4 ou  
8 pistas  
REGRAVAR, ou copiar de Carretel para Cartucho

*Prático!*

Agora V. poderá gravar em sua casa, estereofonicamente os seus Cartuchos, e reproduzi-los em seu automóvel ou lancha.



MODÉLO X-1800 SD

#### CARACTERÍSTICAS

**CARTUCHO:** Estéreo de 8 pistas, para gravar e reproduzir (**playback**). Estéreo de 4 pistas, para gravar e reproduzir (**playback**) (utilizando um adaptador). Velocidade da fita: 3 3/4 polegadas por segundo. Quarenta minutos de gravação estereofônica contínua. Sistema automático para mudança de pista. Botão seletor para utilização dos cartuchos.

**CARRETEL:** Estéreo ou monoaural de 4 pistas para gravar e reproduzir (**playback**). 4 velocidades — 1 7/8, 3 3/4, 7 1/2 e 15 polegadas por segundo. Cross-Field com respostas às frequências de 30 a 23.000 ciclos por segundo (cps). Desligamento automático, alavanca de parada instantânea. Contador digital com 3 algarismos munido de botão aferidor.

**CARTUCHO E CARRETEL:** Amplificador com potência de 12 watts para música. Regrava de carretel para o cartucho. Saídas para fones de ouvido em estéreo, medidor VU, Gabinete de madeira com acabamento a óleo. Seletor de voltagem universal (de 100 a 240 volts, 50/60 ciclos por segundo).

Distribuidores exclusivos:

COMERCIAL E IMPORTADORA

**TROPICAL LTDA.**

CAIXA POSTAL 6660 - S. PAULO

À VENDA NAS MELHORES CASAS ESPECIALIZADAS





# Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema

Representante no Brasil da "Fédération Internationale De L'Art Photographique" (FIAP)

Sede Administrativa: Rua Avanhandava, 316 - Telefone 256-0101 — São Paulo — Brasil

## O IV TORNEIO FOTOGRÁFICO NACIONAL

O 2.º Concurso Parcial do Torneio Fotográfico Nacional, foi organizado pelo Foto Clube do Jaú, e apresentou o seguinte resultado:

### CLASSIFICAÇÃO COLETIVA (por clubes)

#### SEÇÃO PRÉTO E BRANCO

##### PRÊMIO JOSÉ OITICICA FILHO

1.º lugar — Ass. Carioca de Fotografia com 855 pontos

#### SEÇÃO DIAPOSITIVOS COLORIDOS

##### PRÊMIO JOSÉ V. E. VALENTI

1.º lugar — Foto-Cine C. Bandeirante com 821 pontos

Damos a seguir, as pontuações que servirão para apuração final do Torneio, com as premiações previstas pelo Regulamento.

#### SEÇÃO PRÉTO E BRANCO

Clubes	TRABS.	AUTS.	PONTOS	Classificação
A. C. F.	20	15	855	1.º lugar
F. C. C. B.	20	11	814	2.º "
C. F. F. N. V. R.	20	10	660	3.º "
P. C. C. F. C.	18	11	603	4.º "
A. B. A. F.	9	5	337	5.º "
S. F. N. F.	9	5	303	6.º "
F. C. C. J.	6	3	261	7.º "
F. C. J.	5	3	163	8.º "

#### SEÇÃO DIAPOSITIVOS COLORIDOS

Clubes	TRABS.	AUTS.	PONTOS	Classificação
F. C. C. B.	20	10	821	1.º lugar
A. C. F.	20	13	755	2.º "
C. F. F. N. V. R.	20	10	728	3.º "
S. F. N. F.	2	1	82	4.º "
A. B. A. F.	2	2	79	5.º "
F. C. J.	2	1	72	6.º "
F. C. C. J.	2	1	69	7.º "

### TROFÉU "GRANDE PRÊMIO C. B. F. C."

Considerando-se os totais dos pontos alcançados nas duas seções e nos dois concursos parciais até agora realizados, é a seguinte a classificação dos clubes para a disputa do principal prêmio do Torneio:

### TROFÉU "GRANDE PRÊMIO C. B. F. C."

Classificação	Clubes	Pontos
1.º lugar	Foto-Cine C. Bandeirante	3.296
2.º "	Ass. Carioca de Fot.	3.265
3.º "	Clube Foto Fil. N. de V.R.	2.778
4.º "	Ass. Brasileira de A. F.	2.491
5.º "	Poços de Caldas Cine F.C.	1.122
6.º "	Cine Foto C. S. Leopoldo	798
7.º "	Soc. Fotogr. N. Friburgo	784
8.º "	Foto Clube do Jaú	631
9.º "	Foto Cine Clube Jundiaí	605

### CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL (por autores)

Para os premios individuais, no computo geral do Torneio, a situação é a seguinte:

#### SEÇÃO BRANCO E PRÉTO

Autor	Clube	Pontos	Classificação
L. Tagliacarne	F. C. C. J.	210	1.º lugar
G. Luderer	C. F. F. N. V. R.	193	2.º "
F. Aszmann	A. C. F.	192	3.º "
C. Brando	A. B. A. F.	184	4.º "
G. Gomide	A. B. A. F.	184	4.º "
A. Bellia	F. C. C. B.	183	5.º "

#### SEÇÃO DIAPOSITIVOS COLORIDOS

Autor	Clube	Pontos	Classificação
T. Kumagai	F. C. C. B.	192	1.º lugar
H. Cappello	F. C. C. B.	189	2.º "
J. Minharro	F. C. C. B.	181	3.º "
A. J. Calino	C. F. F. N. V. R.	181	3.º "
G. Luderer	C. F. F. N. V. R.	167	4.º "
D. Cordeiro	C. F. F. N. V. R.	163	5.º "



---

### "DOIS GAROTOS"

Oswaldo W. Fehr — FCJ

(Do Festival Internacional Br-Br — FCCB)

---

#### PORTFOLIOS CIRCULANTES DA FIAP

A CBFC acabou de receber mais uma coleção de Portfolios circulantes da FIAP contendo trabalhos de artistas da Austrália e da Dinamarca. São ao todo 37 provas assim distribuídas: Austrália 15 trabalhos e Dinamarca 22 trabalhos.

Os clubes filiados interessados em receber essa coleção, para o fim previsto no Regulamento já do conhecimento geral, deverão se dirigir ao seguinte endereço: **Antonio J. M. Calino, Diretor Auxiliar do Dep. Fotográfico da CBFC — Rua 44 n.º 54 — Volta Redonda - RJ.**

A CBFC procurará atender a todos, observando a ordem de chegada dos pedidos e segundo critério geográfico de sua localização.

#### BIENAL DE CÔR DA FIAP

É com satisfação que aqui transcrevemos uma apreciação do Sr. Victor Lontie, Administrador de Portfolios e Competições da FIAP, com respeito à coleção brasileira que participou da Bienal de Côr da máxima entidade internacional, realizada em Leipzig, na República Democrática Alemã:

"Il m'est un agréable devoir de vous feliciter pour la belle participation de votre Fédération à la Biennale Couler dans la Republique Démocratique Allemande. J'etais present a son ouverture et remarqué les oeuvres Couleurs-papier ainsi que les diapositives".

Estamos aguardando a comunicação da entidade promotora da Bienal e o comunicado oficial da FIAP para divulgarmos os resultados gerais.

## INDÚSTRIA DE PARAFUSOS MELFRA LTDA.

PARAFUSOS — PORCAS — REBITES

Em Ferro, Latão, Cobre e Alumínio

Rua Pôrto Alegre, 243 - Fone 92-3548 - Caixa Postal n.º 13.278 - Telegr. MELFRA

isto é

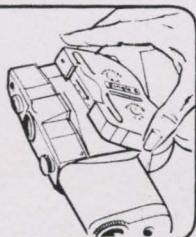
# Single-8

nôvo e revolucionário  
sistema de cinematografia  
em 8 mm!

AGORA V. também pode ser um ótimo cineasta amador, obtendo resultados surpreendentes, graças à este NÔVO processo que oferece:

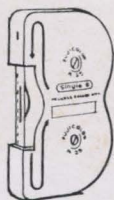
## FACILIDADE

de colocação  
do filme; em  
um segundo  
V. carrega  
o filmador,  
mesmo sob  
a luz do sol.

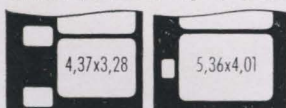


## COMODIDADE

o magazine permite  
filmagem contínua de  
todo o comprimento  
do filme, 50 pés. (não  
precisa inverter a  
posição do carretel  
e permite usar  
alternadamente  
2 ou mais filmes).



**RESULTADO** — como o quadro do filme  
é 50% maior do que o clássico 8 mm., V.  
obtém mais brilho e melhor nitidez, com ex-  
cepcional qualidade da imagem projetada.

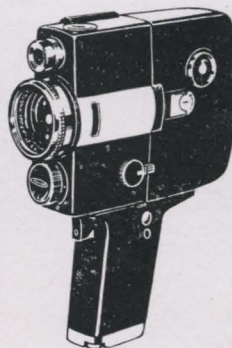


Clássico 8 mm.

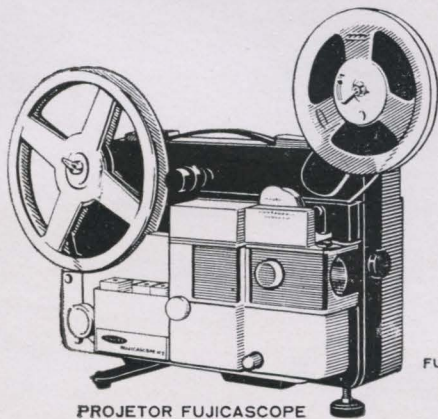
"SINGLE 8"



FUJICA SINGLE 8 P-1



FUJICA SINGLE 8 Z-1



PROJETOR FUJICASCOPE



FUJICHROME R-25

FUJIPAN R-50

FUJIPAN R-200



Conheça nossa linha completa:

FILMES, PAPEIS E PRODUTOS QUÍMICOS PARA FOTOGRAFIA • FILMES CINEMATOGRAFICOS  
E PARA T.V. • FILMES PARA FOTOLITO • FILMES PARA RAIOS-X • FILMES E EQUIPAMENTOS PARA  
MICROFILMAGEM • APARELHOS E EQUIPAMENTOS FOTOGRAFICOS • CÂMARAS E LENTES FOTO-  
GRÁFICAS • BINÓCULOS • APARELHOS PARA FOTOCÓPIA • FITAS PARA GRAVAÇÃO

**FUJI PHOTO FILM DO BRASIL LTDA.**

RUA MAJOR DIOGO, 128 - FONE 35-8492 - SÃO PAULO

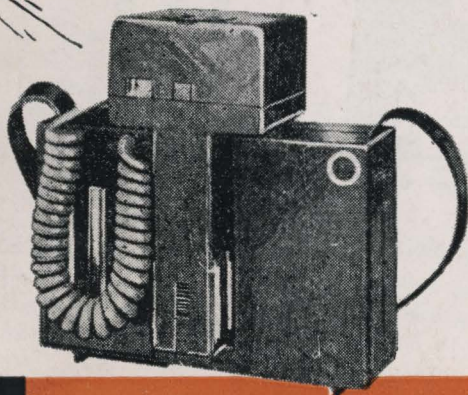
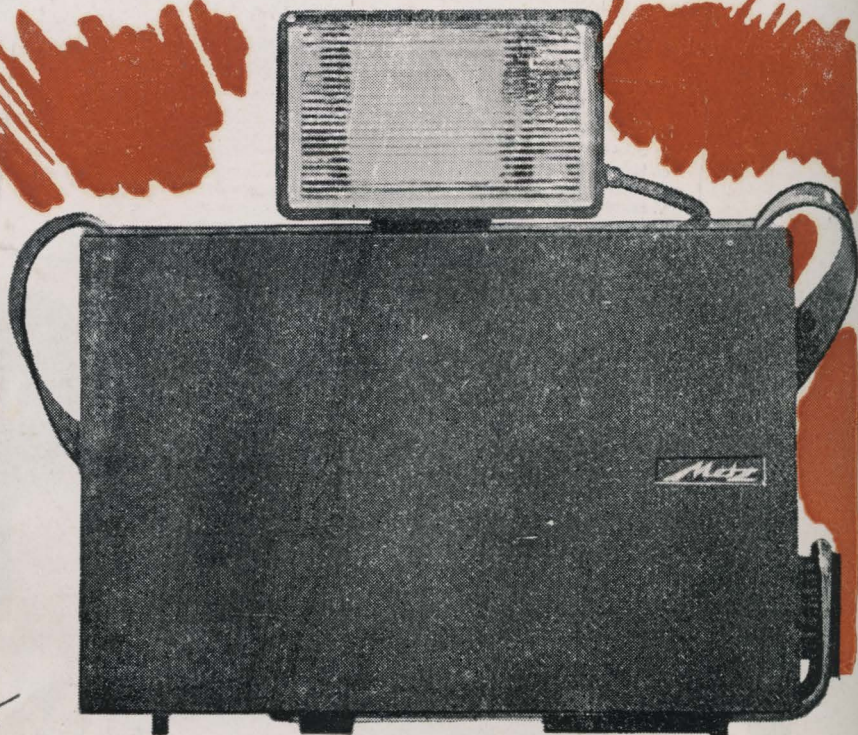
**FUJI FILM**



O **FLASH ELETRÔNICO** mais cobiçado pelos profissionais e amadores adiantados

**502**

Mais compacto, luxuoso e fino acabamento, bateria de 6 volts, que permite 200 disparos com carga total (135 watts), e 400 disparos com meia carga (70 watts). Intervalo entre os disparos: 3 a 5 segundos. Ângulo de iluminação 65° grande angular.



**502-NC**

Mesmas características que o 502, porém funciona com bateria de nickel-cadmium, de durabilidade indeterminada e de máxima e completa eficiência.

À venda nas boas casas do ramo

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

**TROPICAL** LTDA.

CX. POSTAL, 6660 - S. PAULO